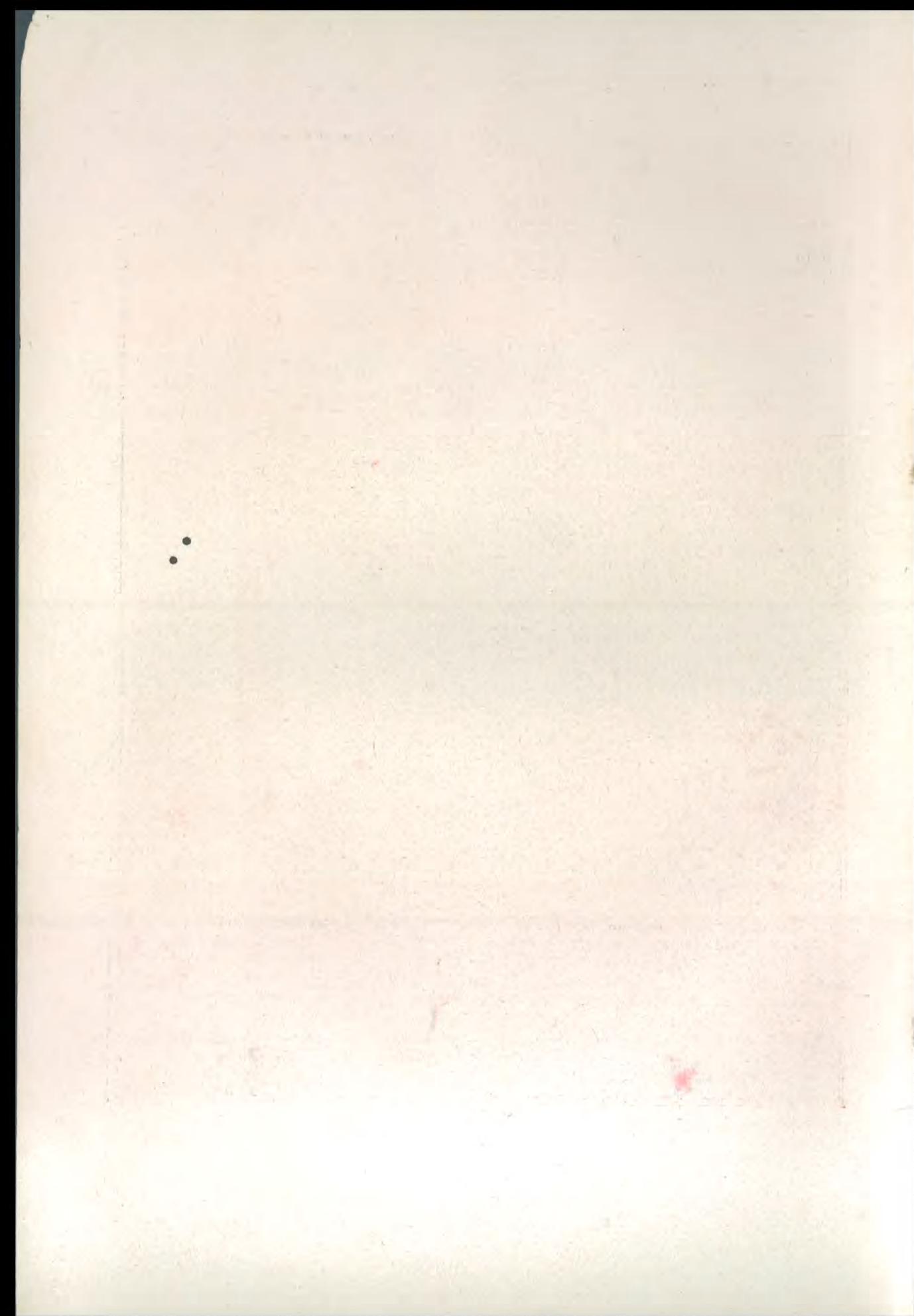


A Vida de Minas



Helena Furst

Bello Horizonte, 15 de Agosto de 1915



Vida de Minas

Director : Cysalpino de Souza e Silva

Collaboradores diversos

Anno I — BELLO HORIZONTE, 15 DE AGOSTO DE 1915 — Num. 3

ONZE DE AGOSTO

NESTA hora de angustia para a humanidade inteira, anima e conforta ver que os representantes da nossa intellectualidade moça se erguem para uma festa de civismo, em que se celebra o Direito e em que se rende homenagem a um grande Patriota.

Os academicos cariocas tiveram a iniciativa de reunir na capital do paiz o maior numero possivel dos seus collegas das outras cidades brasileiras para a commemoração do 11 de Agosto, grande data para o sentimento juridico nacional, por isso que assignala a creação das nossas Faculdades de Direito. Nesse mesmo dia, a mocidade academica tornou notorio, pelas solemnidades que promoveu, o seu applauso ao tratado do A B C— o ultimo acto praticado no Planeta em nome do prestigio do conspurcado Direito Internacional—, e fez a glorificação da personalidade maxima do Barão do Rio Branco, figura egregia de estadista sem par, que sempre pairou alcandorada no cimo das nossas instituições como o nume protector, o Deus-Custos da integridade e da grandeza do seu paiz.

A festa dos moços juristas é um hymno ao Direito-Immortal. Ella diz bem alto que o Direito Internacional não é um méro sonho de alguns es-

piritos illuminados, uma grande illusão desmentida agora pela nefanda e selvagem nevrose de sangue em que se debate a super-civilizada Europa.

O tratado que liga as maiores nações da America latina é uma obra posthuma do Barão do Rio Branco, que o deixou eventualmente lavrado.

Justo, pois, que taes manifestações de civismo— a de applauso pela acção diplomatica dos tres governos amigos e a de glorificação ao preclaro chanceller morto— se realizassem ao mesmo tempo e sob o influxo do mesmo entusiasmo.

Mas a mocidade brasileira não pode deixar-se ficar adormecida sempre á penumbra, surgindo apenas para applaudir e para glorificar.

E' necessario que ella saia a campo com o seu ardor e com a sua fé, para collaborar na obra da reconstrucção nacional.

No parlamento, na administração e na imprensa, tem sempre a seiva nova provado melhor, pela ousadia e pela temeridade com que arrosta a onda magna dos aviltadores do regimen.

Pertence-lhe, deste modo, grande parcella de responsabilidade na solução dos problemas politico-sociaes de que depende o futuro da nossa nacionalidade.

Saiba, pois, comprehender o seu dever nobilitante.

C. S. S.

EXPEDIENTE

A *Vida de Minas* tem a sua redacção e administração á rua Rio de Janeiro n. 615, devendo ser dirigida toda a correspondência a Cysalpino de Souza e Silva.

Publica-se, quinzenalmente, todos os dias 1 e 15 de cada mez.

Acceita agentes devidamente afiançados em todas as localidades mineiras.

ASSIGNATURA

Anno.....	11\$000
Semestre.....	6\$000
Numero avulso.....	\$500

REPRESENTANTE GERAL

O sr. Amador Bueno Horta, residente na cidade de Campanha, fica auctorizado a viajar pelo sul do Estado, a serviço desta revista, podendo estabelecer agencias, de accordo com a administração, em todas as cidades principaes.

São representantes da A Vida de Minas os srs.:

Dr. Sandoval de Azevedo, em Cataguazes.

Dr. J. Sette Camara, em Jaquary.

Belmiro Braga, em Juiz de Fora.

Dr. Gabriel Gonçalves da Almeida, em Leopoldina.

Dr. Manoel da Matta Machado, em Conceição do Serro.

Dr. Teixeira de Salles, em Pitanguy.

Dr. José Maria Burnier, em Ayuruoca.

Coronel Alvaro da Gama Cerqueira, em Sete Lagoas.

AVISOS

Viaja pelo Oeste de Minas, a serviço da administração, o distincto cavalheiro sr. Mario Soares Rocha.

* *

Exerce as funções de secretario da administração d'A Vida de Minas, a convite do nosso director, o sr. José Braz Cesarino Filho, moço que tem conseguido as melhores sympathias no nosso meio social, pelas suas invejaveis qualidades moraes e intellectuaes e que está auctorizado a assignar quaesquer documentos de responsabilidade para a revista.

Cousas da guerra

Um voluntario inglez teve, outro dia, esta expressão, profunda em sua simplicidade.

Dizia-lhe um de seus camaradas:

—Eu me alistei porque sou moço e depois... porque amo a guerra.

Elle respondeu:

—Quanto a mim, eu me alistei porque sou casado, pae de familia... e porque amo a paz. Apesar de contradictorias, as duas razões explicam-se muito bem.

* * *

Com a tua lingua afiada
Toda cautela é bem pouca;
Si algum dia me beijares
Fecha bem a tua bocca.

Felix d'Arruda



PHOT. J. M. RETES

Stas. Clelia Continentino, Zezé Castro e Jeny Andrade

Chronica da Quinzena

Bello Horizonte é de outro dia. Não tem ainda vinte annos. Falta-lhe calçamento, falta-lhe agua, faltam-lhe esgottos; a sua rede telephonica é irrisoria; a sua energia electrica, ridicula; os seus bondes, uma lastima.

Falta-lhe, positivamente, tudo.

A rethorica indigena, emtanto, faz-lhe magrões. E' vezo seu comparal-a a uma rapariga que vae entrando a puberdade, toda viço e louçania, e a que se adivinham já, nos ademanes com que caminha, a carnação e a plasticidade da mulher que ha de ser.

A comparação é delicada, não ha duvida. E' digna da lyrica condoreira que floresceu com as «Vozes d'Africa» e que vem abrir-se agora, perdida neste seculo, nessa flor serodia de galanteria. Vejo-lhe as melenas, as azas da lavalière ao vento, a olheira das grandes vigílias, a alma ardendo de romanticismo. Para ella Bello Horizonte é como lles disse: vae por aquella quadra «inquiéta e duvidosa», de que falava o velho autor de «Braz Cubas».

Mas, nesse caso, hão de concordar commigo que, pela idade, a rapariga é lindamente iniciada. E realiza o caso typico da preciosa, que ignora o sr. João Ribeiro e a sua grammatica, mas conhece o sr. Marcel Prevost e mais a sua moxinifada galante.

Está na logica de todos as coisas deste paiz, onde tudo começa pelo fim, nessa marcha por etapas queimadas, em que domina a preocupação nacional de viver com a Europa. Nessa ordem de coisas, era mais que natural que Bello Horizonte, sem calçamento, sem agua e sem luz, offercesse logo, á admiração paspalha do indigena, as curiosidades picantes do «cabaret». A exemplo de Paris, dotou-se de um «Rat-Mort» e de um «Moulin Rouge».

Não é preciso ser nenhuma torre de sabedoria para não ignorar que Paris é a capital da França, tem cinco milhões de habitantes, com seculos amontoados de uma civilização superior e uma população fluctuante formidavel, que lá vae para gastar o dinheiro que tem, no borborinho

de uma vida brilhante, que uma centralização extremada mais doura e engrandece

Não creio que haja por ali quem ignore essas coisas comestivas, que a gente, quando não estudou, aprende mais tarde no Bedaeker.

Isso tudo, sommando a outras razões mais subtilezas, que dizem com a Ethica, parece que, si não justifica, pelo menos explica o Rat-Mort, em Montmartre e o Olympia, na Madeleine.

E' verdade que Bello Horizonte está no sertão de Minas, tem vinte annos de vida apagada e modesta, não dispõe de nenhum elemento de vida propria, modorra num poeirão capaz de atulhar o pulmão de Eólo e conta quarenta e cinco mil habitantes, atravancando as Secretarias. Mas coherente com o prurido nacional de imitar, de estar ao par, mal bacorejou-lhe haver *cabarets* em Paris,— importou o *cabaret*, para que o funcionario tenha onde gastar á noite o que ganhou de dia, de perna cruzada e olho morto, dando-se ares de fadiga e enfaro, como si lhe pezassem o fardo atavico de tres civilizações superpostas. Vamos assim, com sympathico fervor, alcapremando nessa simplicidade a todos os requintes do Paris que se diverte— ao opio, ao hachish, á cocaina e ao ether, com que muita gente já perfuma o seu lenço, para estardear um vicio que não tem.

Estarão por ali a pensar que isto é o grito de uma moral alarmada, de uma pudicicia inveterada e caturra, tal qual Bérenger gritava ha pouco, de mão na cabeça, perdido de furor, contra a nudez das estatuas de Paris.

Por Deus! poupem-me á suspeita.

Não ha ninguém ali mais liberal. Por principio de tolerância, que toda a gente tem e que nem toda a gente confessa,— chego mesmo a admitir todos os vicios, desde que sejam para o proximo e que o proximo possa tel-os. Isso é talvez de nenhum espirito christão, mas é profundamente humano.

Agora, que nós, brasileiros, com o avô tapuya, de tanga e flexa, nos olhando ali da orla do matto, queiramos impár de civilização— é demais.

Ha um dever, parece-me que de piedade filial, que manda vestir primeiro aquelle avô.

A. C. F.

NOTAS DE REPORTAGEM



Belo Horizonte hospedou, por alguns dias, o Bispo do Ceará, sr. D. Manoel da Silva Gomes, que viaja pelo Brasil procurando angariar donativos que suavizem a sorte dos nossos patricios do norte, victimados pela secca e pela fome. Na photographia acima, o illustre prelado posa, gentilmente, para a nossa objectiva, em companhia dos revmos. padres João Guinderé e Eduardo Ara-ripe, de sua comitiva, e dos nossos conterraneos revmo. padre João Baptista, vigario de S. José, dr. Carvalhaes de Paiva, director da Imprensa Official, professor Luiz Pessanha e Francisco Murta, nosso presado confrade da redacção do «Minas Geraes».

Senhorita, na sua elegancia *mignonne* nova, é um encanto. Aquelles olhos azues que lembram ceus distantes, aquelle porte suave de santa exilada,— olhar sonhador, bocca indecisa num sorriso que é graça e parece flor, senhorita, assim, lembra á gente uma *berceuse* de sonhos em lago manso por noites de plenilunio.

Vendo-a, tem-se a idéa de uma lenda suave em que sôam á surdina sonatas de cherubins em violinos e frautas, boas fadas fazendo mi-

lagres numa historia encantadora de mil e uma noites. E, senhorita, deste modo, se nos afigura romantica com sua vozinha de balladas e murmúrios doces como preces, transformando tudo em torno de si numa symphonia deliciosa e num lyrismo emballador.

Hontem, porém, quando eu ia poisar sob o olhar avelludado de senhorita uns lindos versos de Verlaine, a impiedosa me disse sem dó, com um sorriso de matar :

--Prefiro um prato de doces ao mais bello soneto deste mundo.

BELLO HORIZONTE

EM

FLAGRANTE



Ao alto, instantaneo apaixonado no Prado Mineiro; em baixo, um grupo de gentilissimas professoras, colhido na Avenida Affonso Penna.

Narciso, amuado, a um canto do terrecal, sem perder de vista os gestos de Annita que, graciosa e ligeira, fazia, entre os parceiros, prodígios de dextreza.

Havia annos que elle a amava perdidamente, sem desfallecimento e sem tregoa.. Ella, porém, não tinha sympathia pelo rapaz cujos modos, cuja fala e cujo nariz desagradavam...

— Entre sempre, seu Narciso, venha d'ahi dar umas petecadas, diziam da roda onde a petêca, ás palmadas estalantes, por entre gritinhos nervosos, subia e descia sem cessar.

Por fim Narciso, sempre amuado e triste,— mercê do desprezo de sua amada,— entrou no jogo.

Tapas d'aquí, tapas d'acolá, chegou a vez delle dar o seu... A petêca, porém, não vinha ao alcance de sua mão. Para não perdê-la, elle, na

sua inexperiencia, teve um gesto de feliz acaso : deixou pender para traz o corpo e, apoiado ao braço esquerdo, recebeu a petêca num pontapé valente, tão rijo que a fez voltar a uma altura prodigiosa, até ahi nunca vista !

Palmas e gritos salvaram o successo de Narciso e á noite, num desvão de janella, enquanto se dançava, Annita, a sós com o heróe, com-movida, ainda lhe falou na proeza admiravel com um aperto de mão terno e significativo...

Narciso percebeu, então, que ella já o amava !

E ahi está como um ponta-pé bem dado e em tempo opportuno, pode vencer a dureza de um coração !

Cumulo da distracção : dependurar-se no cabide e deitar a roupa na cama,

Prismas e mythos

Ao Milton Prates

Mocidade... As illusões são os cabellos d'este Sansão; quem lh'os cortar, redul-a á impotencia; quem os conservar, fortalece-a, enrija-lhe a pujança. O tempo, que lhe cercêa as illusões — esse conhecedor astuto do manancial de suas forças — é a hypocrita e cruel Dalila.

Illusões; não quero adormecer em vosso côllo alabastrino; sois essas Judiths, que nos adormecem em seus braços e nos degolam no meio de sonhos — feitos de luar e de pesadellos idyllicos.

Na mythologia germanica o Walhala é o Olympo a morada cელიca dos deuses. E' esta sala sumptuosa, em cujas paredes de ouro e listes e columnellas de prata refrangem os feixes luminosos pelos mosaicos de suas vidraças. Odin é seu Jupiter. O arco-iris é a ponte, pela qual a terra e o céu se communicam. As Walkyrias — as filhas das batalhas — cavalgando corcéis brancos como as suas almas — brancas virgens immortaes — passam por ella para receber nos campos de pelejas as almas dos heróes e transportal-as ao Walhala. A arvore do Ygdrazil — este grande freixo que sustenta o Walhala na sua cópa exúbere e cujas raizes estão aprofundadas na terra, será derrubada por Loki — deus do inferno, e o Walhala incendiado. E' o crepusculo dos deuses.

Mocidade — és o freixo do Ygdrazil, que sustenta nas suas ramarias o Walhala dos nossos sonhos. Mas um dia o tempo — este Loki dos moços — te derrubará, atirando-te os sonhos para as profundezas da realidade. E' a velhice — o crepusculo das esperanças.

Illusões — flôres em agraço para desabrocharem em ructos de tristeza. O canto natural do homem é triste, dizia Chateaubriand, ainda mesmo que exprima a felicidade. A alegria é um abalo da alma e um restabelecimento subito e sensível na situação normal. Alegrias — impetos do homem para a perfeição maior. E' que a illusão é filha espúria do coração e do espirito; e ha sempre alguns pontos por onde o coração e o espirito se não harmonizam; o sonho empedra-se, quando o coração calleja aos golpes rijos do raciocinio. O raciocinio mata a illusão e amortece a esperança. A esperança é filha primogenita do coração, é o morgado do sentimento. Espirito — calae-vos, quando o coração diz: Espera. Esperança e illusão são cousas que no fundo se identificam; para nós, que esperamos, dizemos: uma espe-

rança. E' o seu lado subjectivo. Mas, objectivamente, todos dizem: são illusões que passam.

Esperança — é o labaro da mocidade. O moço que lhe fôge, é como o soldado que deserta a sua bandeira. Illusões — sombras que passam. Mocidade — és o pelicano a nutrir-te de teus proprios filhos: crêas as illusões, para devoral-as.

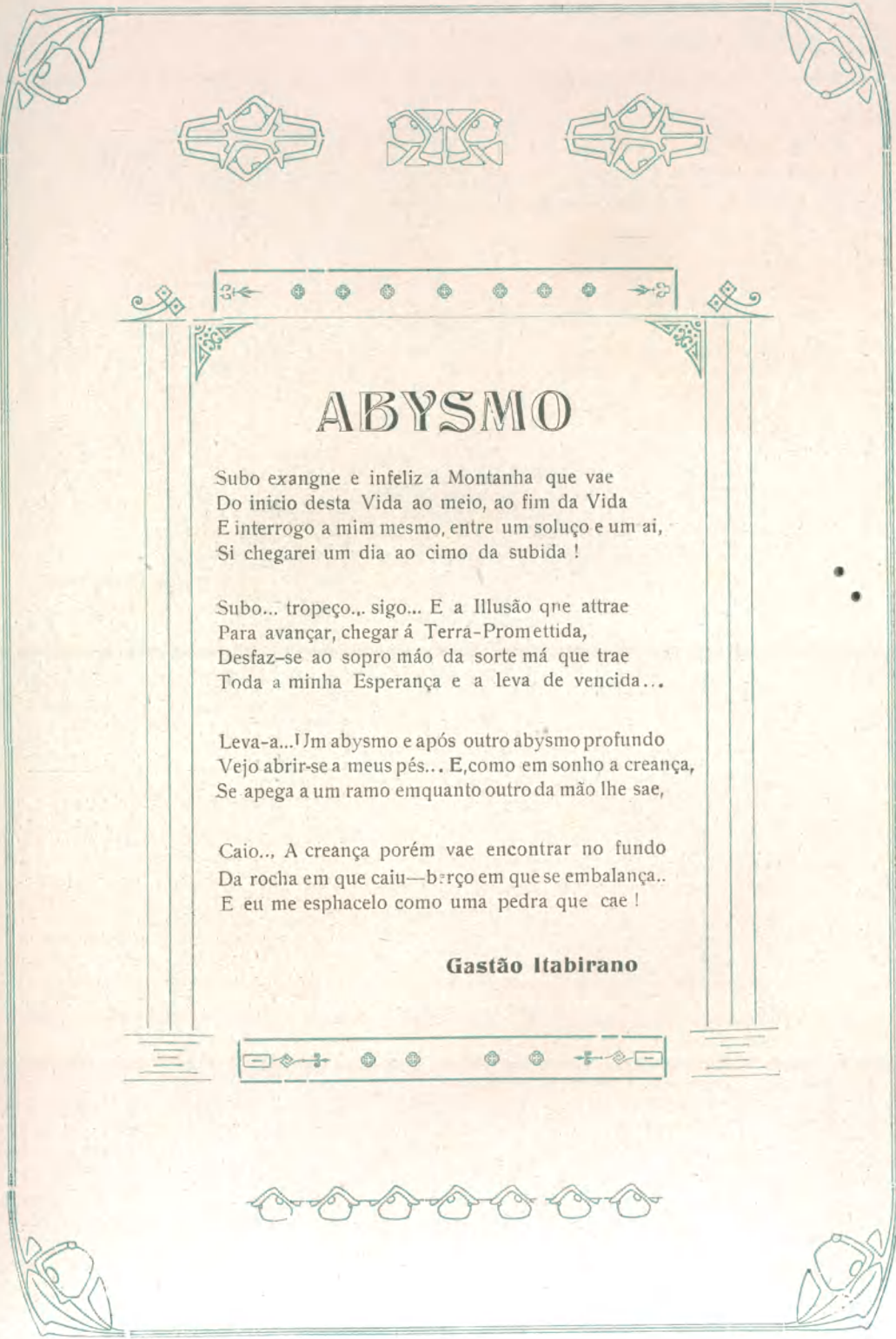
FERNANDO DE AZEVEDO

AD PUELAS



Coronel J. Mendes de Magalhães e seu amigulho Dudu

Saiban: quantas a presente pagina da revista virem ou della noticia tiverem que o sr. coronel J. Mendes de Magalhães, natural de Villa Nova de Lima e residente ha 27 annos em Ouro Preto, onde é commerciante riquissimo e chefe respeitabilissimo da conceituada firma J. Mendes & Comp., é cidadão solteiro, pacifico, com 50 annos de idade e 115 kilos de peso, e faz parte do grupo dos 10 capitalistas que compraram as importantissimas lavras de ouro de Antonio Pereira.



ABYSMO

Subo exangne e infeliz a Montanha que vae
Do inicio desta Vida ao meio, ao fim da Vida
E interrogo a mim mesmo, entre um soluço e um ai,
Si chegarei um dia ao cimo da subida !

Subo... tropeço... sigo... E a Ilusão que attrae
Para avançar, chegar á Terra-Promettida,
Desfaz-se ao sopro máo da sorte má que trae
Toda a minha Esperança e a leva de vencida...

Leva-a...! Um abysmo e após outro abysmo profundo
Vejo abrir-se a meus pés... E, como em sonho a creança,
Se apega a um ramo enquanto outro da mão lhe sae,

Caio... A creança porém vae encontrar no fundo
Da rocha em que caiu—brço em que se embalança..
E eu me esphacelo como uma pedra que cae !

Gastão Itabirano



Hermengarda, graciosa filha-nha do sr. tenente-coronel Pedro Jorge Brandão, commandante do 1º batalhão da Força Publica.



Phot. J. M. Retes

GENESCO MURTA, que viveu tantos annos entre nós, envolto na penumbra de um inquebrantavel retrahimento, está a chegar de Paris.

Mais alguns dias, e o joven patricio, que andou pelas terras de França e de Hespanha aperfeçoando-se na arte de Da Vinci, estará de volta, com a pasta pejada de impagabilissimas esquisse de coisas da sociedade do Velho Mundo (que o Genesco é um habilissimo caricaturista....) e com as malas a estourar de quadros onde derramou á mancheia a sua exquisita phantasia de meridional (que o Genesco é tambem um pintor de traço firme e da mais fina sensibilidade esthetica....)

Antes de partir para alem-mar, havia elle promettido uma exposição de quadros, e os seus amigos,—que são quasi todos que o conhecem,—já prelibavam a delicia que seria aquella festa de requintes artisticos...

Mas, de um momento para outro, o Genesco tomou passes e bilhete de bordo, atirou alguns ternos de roupa para o bojo da mala de viagem e, como numa mutação de magica, lá se foi no encalce do seu luminoso idéal, procu-

rando soffregamente lenir a sêde de perfeição que o torturava, nos mananciaes da arte pura.

Antolha-se-nos que Genesco Murta, agora de regresso, não deixará de satisfazer a curiosidade de quantos o admiram, promovendo, logo que aqui chegar, uma exposição dos seus trabalhos. E, certamente, a *élite* horizontal, que é tão culta e soe acolher com carinho quantas manifestações artisticas a procuram, ha de para o Genesco ter o mesmo sorriso de sympathias e estimulo que para com os outros tem tido,—sorriso que tão pouco lhe custa, mas que, para a delicada sensibilidade do estheta, é mais precioso que o tilintar de um punhado de sequins de ouro.



Muito agradecidos somos á excellente «Gazeta de Minas», redigida pelo nosso brilhante collega de Oliveira—Dr. Pinto Machado, pelas palavras gentis com que noticiou o apparecimento do 2.º numero d' *A Vida de Minas*.

EM DIVINOPOLIS



Cachoeira do Gafanhoto (cerca de 30 metros de altura, a 7 kil.)

As botinas de setim

Lendo a vossa carta, minha senhora, senti como que um grande remorso.

Pretendi desfazer-me da côr, meio luto, das minhas historietas para offerecer-vos hoje alguma cousa de alegre, de absolutamente alegre.

Por que hei de ser triste? Vivo a mil legoas dos borborinhos parisienses, numa collina luminosa e num paiz de boas sombras e de bons vinhos.

Em derredor de mim só ha sol e musica.

De manhã, as lindas aves brancas de minha terra, e á tarde, as cigarras.

Pastores que tocam pifaros e raparigas morenas que ouço rir nas vinhas.

O local é bem pouco proprio para cousas tristes. Eu devia escrever ás mulheres poemas côr de rosa e contos galantes.

Mas .. estou ainda muito perto de Paris.

Todas as manhãs elle me faz ouvir o echo das suas tristezas. A' hora mesmo em que vos escrevo estas linhas, recebo a noticia da morte desse pobre Charles Barba'a. Vejo tudo de luto.

Não tenho o coração nada alegre. Ahi está

porque, minha senhora, em vez do lindo canto alegre que vos prometti, tereis ainda hoje de ler uma legenda melancholica.

*
**

I-ra uma vez um homem que tinha o cerebro de ouro; sim, minha senhora, todo de ouro. Quando elle veio ao mundo, os medicos pensavam que não vivesse, tanto era pesada a sua cabeça e tão desmesurado o craneo. Viveu e escreveu, entretanto; sómente a sua grande cabeça o atrapalhava sempre, e fazia pena vel-o a amparar-se nos moveis para poder andar.

Um dia, rolou de uma escada e bateu com a cabeça num degrau de marmore; ouviu-se um som de barra de ferro.

Pensaram que tivesse morrido, mas levantando-o encontraram apenas um ferimento ligeiro e duas ou tres gottas de sangue nos cabellos louros. Foi assim que os paes descobriram que elle tinha o cerebro de ouro.

Guardaram segredo, nem elle mesmo o soube. De vez em quando perguntava porque não o deixavam brincar na rua com os outros meninos.



Phot. J. M. Retes



NOTAS SOCIAES

Santinha e Nair
Freitas, Zézé e Diná
Santos.



—Podem roubar-te, meu thesouro— respondia a mãe.

Então o pequeno ficou com um grande medo de ser roubado. Brincava sósinho, calado, correndo de uma sala para a outra.

Só aos dezoito annos os paes lhe revelavam o dom monstruoso com que o dotara o Destino. E como o tinham nutrido e educado até áquel'a idade, pediram-lhe um pouco do seu ouro.

Não hesitou; no mesmo instante tirou da cabeça um pedaço de ouro, do tamanho de uma nóz, e, altivamente, atirou-o aos pés da mãe. Depois, seduzido pela riqueza que trazia na cabeça, louco de desejos e de poder, abandonou a casa paterna e lá se foi pelo mundo a gastar o seu thesouro. Pelo modo como levava a vida, regamente, espalhando ouro, parecia que seu cerebro era inexgotavel.

Entretanto, o ouro ia-se exgottando, o que bem se podia avaliar pelo tom mortiço dos olhos e pela magreza das faces. Certa manhã, emfim, depois de uma orgia louca, sósinho entre os despojos do festim e as luzes que empallideciam, espantou-se com a enorme brecha que já tinha na cabeça. Era tempo de parar. O homem do cerebro de ouro foi viver isolado, do trabalho de suas mãos, desconfiado e temeroso como um avarento, fugindo das tentações, tratando de esquecer essa riqueza fatal, que agora queria poupar. Por desgrça, um amigo seguiu-o no seu isolamento, e esse amigo conhecia o segredo. Uma noite o infeliz acordou sobresaltado, com uma forte dor de cabeça.

Levantou-se tonto e viu, num raio de luz, o amigo que fugia, escondendo qualquer cousa sob o capote.



EM OLIVEIRA — Collegio N. S. de Olivei a

Era ainda um pedaço do seu cérebro que furtavam !...

Tempos depois, o homem do cérebro de ouro apaixonou-se sinceramente por uma linda mulher loura, que o amava, mas que também amava o luxo, os acepipes, as plumas brancas e as lindas borlas de fino pello batendo ao longo das botinas. Na mão dessa linda creatura, metade ave, metade boneca, os pedaços de ouro desapareciam como por encanto. Tinha todos os caprichos e elle não sabia dizer que não.

Mesmo com medo de desgostal-a, escondeu até ao fim o triste segredo da sua fortuna.

—Somos, então, muito ricos ?--pergntou-lhe ella.

E o pobre respondeu.

—Sim... sim... muito ricos.

E sorria, amorosamente, á pequena ave loura, que innocentemente comia o seu craneo. Certas vezes, entretanto, o medo assaltava-o; tinha vontade de tornar-se avarento. E, porém, carinhosa e meiga, chegava-se a elle e dizia-lhe :

—Meu marido, como és rico... Compra-me alguma cousa de muito caro.

E elle comprava-lhe alguma cousa de muito caro.

Isto durou dois annos. Certa manhã, a ave loura morreu serenamente, sem que se soubesse de que. O thesouro estava acabando.

Com o que lhe ficára, o viuvo fez á sua querida morta um lindo enterro.

Que lhe importa agora o ouro !... Deu-o para a egreja, para os pob es. Quando sahio do cemiterio não lhe restava quasi nada desse thesouro maravilhoso; apenas algumas migalhas nas paredes do craneo.

Viram-n'o, então, ir pelas ruas, com o ar abobalhado, as mãos para a frente, cambaleando como um bebado.

A' noite, quando as lojas se illuminaram, parou deante de uma vitrina, onde todo um encanto de fazendas e enfeites brilhavam á luz e ficou um longo tempo a contemplar um lindo par de botinas de setim azul, bordadas com pennugem de cysnes. E exclamou comsigo :

—Conheço alguem que ficaria encantada com essas botinas.

E sorriu...

Sem se lembrar que a mulher havia morrido, entrou no estabelecimento para compral-as.

Do fundo do seu balcão, o negociante ouviu um grito.

Vida de Minas

Correu, mas logo rectou apavorado, vendo um homem de pé, encostado ao balcão e olhando-o dolorosamente com um ar abobalhado. Tinha em uma das mãos as botinas de setim azul com bordados de pennugem de cysnes, e apresentava a outra toda ensanguentada, com traços de ouro nas pontas dos dedos.

— E' esta minha senhora, a legenda do homem do cerebro de ouro.

— Apesar da sua feição de conto phantastico, esta legenda é absolutamente verdadeira. Ha pelo mundo pobres diabos, condemnados a viver do cerebro.

E' pagam com o que d'elle arrancam-no mais puro ouro, as menores cousas da vida.

Para elles, este é o tormento de cada dia. Depois, quando estão cansados de soffrer, morrem á porta do sapateiro...

ALPHONSE DAUDET

Ricord na batalha do Bourget.

Com a idade de setenta annos, Ricord, chefe das ambulancias do assédio, pensava tranquillamente os feridos, sob uma chuva de balas, auxiliado apenas por seu criado.

Passando por ali um official de ordens, gritou ao criado : « —Diga ao doutor que se retire, si não quizer receber um balasio.»

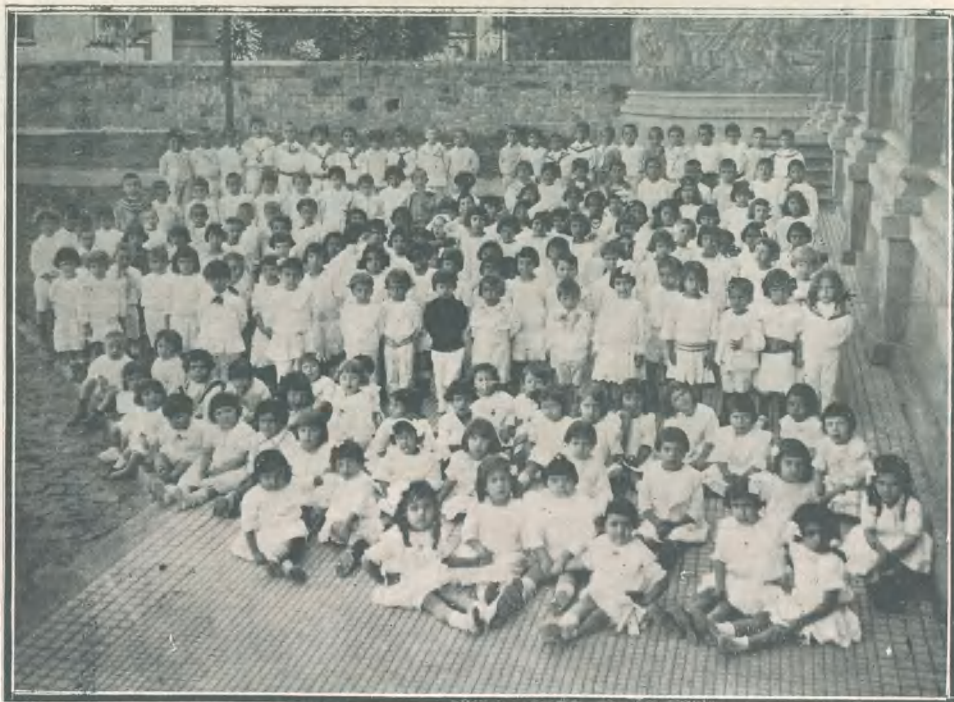
Ricord ouvira; porém, calmo e "gracejador, como Gavroche na barricada, replicou, em meio do estrondo das metralhadoras :

—Responda-lhe que eu não recebo, que não estou em casa !» E recomeçou sua tarefa.

Alguns dias depois, Ricord recebia a cruz de official da *Legião de Honra*.

— Cumulo da pretensão : tentar matar a ursa maior.

PELAS ESCOLAS



Os alumnos da Escola Infantil Delfim Moreira, posando para a nossa objectiva, no adro da Matriz de S. José.

PELAS ESCOLAS



A hora da merenda, na Escola Infantil Delfim Moreira

De Bernardo Guimarães

No ultimo numero desta revista, publicamos um bello improviso de Bernardo Guimarães, o saudoso poeta mineiro.

A proposito, um dos contemporaneos do jocoso repentista, que era estudante, em Ouro Preto, em 1881, quando D. Pedro II visitou, pela primeira vez, a ex-capital, enviou-nos outro improviso do auctor dos *Gontos da solidão*.

O ex-imperador, desejoso de conhecer pessoalmente a Bernardo Guimarães, conseguiu que amigo do poeta o levasse ao Palacio do Presidente da Provincia, onde se achava hospedado o monarcha.

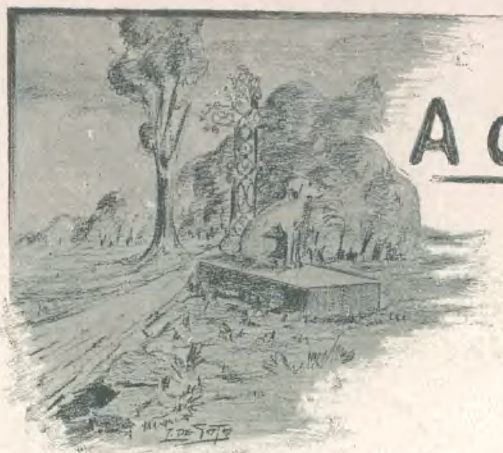
Na confusão, porém, e no atropello das visitas, o poeta perdeu a cartola. E, como era o seu costume sublinhar, com um gracejo, os actos mais serios da vida, improvisou, em meio de grandes applausos, uns deliciosos versos, apanhados pelos *reporters* da committiva imperial e publicados por alguns dos jornaes da época.

Esses versos, cuja fidelidade, entretanto, é possível não seja completa, pelo enfraquecimento natural da retentiva de quem os ouviu, naquella época, e nol-os transmittiu agora, são os seguintes :

«Hoje, a casaca enverguei
(Cousa que muito me custa),
Para ver a face augusta
Do rei, que sempre estimei.

Mas, aconteceu-me o labéo
De, estando eu em *Palacio*,
Ficar como um pascacio,
De casaca e sem chapéo.»

—*—
Cumulo da pudicícia : corar diante da nudez...
da verdade.



A CRUZ

DO CÃOSITO

A gentil senhorita
MARIA EULINA MOURÃO
Santo Antonio de Amparo

IA eu ao meu labor, demandando uma escola rural, situada a um par de kilometros da estação em que eu desembarcara momentos antes.

Era pelo meio de um dia sem sol. Havia mesmo uns farrapos de neve sobre os outeiros ao longe.

Seguia eu pelo leito da via ferrea, apreciando a paisagem circumstante, aquella hora adormecida, sem movimentos de azas, sem farfalhar de frondes, sem fuzilar de sol nas aguas da ribeira, que corria, em baixo, paralela á linha.

A um lado do caminho por onde eu ia, vi erguido um desses rusticos monumentos, tão vulgares em terras do sertão e cuja singeleza tanto encanta as almas poeticas que por elles passam: —um concavo de pedra encimado por uma cruz.

Assignalam o logar onde alguém fechou para sempre os olhos ás tristezas desta vida miseravel.

Mãos piedosas enfeitam-n'os com festões de flores sylvestres, muitas vezes fazendo arderem-lhe em torno cyrios e luminarias, cujas luzes ganham um tom sinistro no silencio nocturno do ermo.

Em defrontando com a cruz á margem da linha, parei um instante. Prendera-me o passo a differença que o signal guardava com os outros, innumerados, que me tem sido dado ver.

O cruzeiro era de ferro, bem trabalhado, com enfeites metalicos nas extremidades.

A peanha de pedras lavradas, formando um cubo regular.

O detalhe mais singular do monumento e o que mais se impuzera á minha attenção, era a imagem de um cãosito, fundida em ferro, em posição de descanso, ao pé da cruz.

Continuando a viagem ao meu destino, ia eu a pensar que, certo, não fora sem motivo que á cruz da beira da linha tinham unido a imagem do animalito.

Diversas foram as conjecturas que tive bailando no espirito, ao avançar no meu caminho. O que me parecia como quasi certo era que a cruz assignalava o local de um desastre na via ferrea, no qual perecesse alguém, do qual os intimos ergueram aquella manifestação de apreço e de saudade.

Pouco depois, já divisava eu, alvejando entre as arvores do valle, as paredes do predio da escola.

Vinham-me, mesmo,—era a hora do recreio— as vozes ruidosas das creanças, empenhadas nos brincos proprios da idade.

A alegria infantil a derramar-se copiosa por sobre as arvores e os campos, quebrava naquella sitio a dormencia tristonha do ermo, naquelle meio dia friorento de um fim de maio.

Dois minutos depois, estava eu em meio da alegre turba irrequieta. Apresentei-me ao professor, que, recostado ao portal da casa escolar, acompanhava, sorridente, as evoluções da pequenada.

Assisti ao restante dos exercicios do dia.

E voltei, a reembarcar-me, seguido do professor, que se prestou gentilmente a fazer-me companhia até a estação.

Esquecera-me a cruz da estrada com o seu cãosinho no sopé.

Ao reavistal-a, porém, resolvi provocar do meu companheiro explicações sobre o exquisiteso adorno do monumento.

Essas informações não cheguei a pedil-as; o professor, a alguns passos do funereo comoio,

Vida de Minas

alongando o mão para o monumento, começou a desfiar-me a historia, que dera motivo á homenagem de singular feição.

Foi em tempos, em que não haviam chegado áquelle pontão os trilhos da via ferrea, hoje, já desenrolada até ás margens do magestoso São Francisco.

Os preparos preliminares da linha já estavam, porém, avançados para bem adiante d'aqui.

Um dos empreiteiros, engenheiro francez, ia periodicamente correndo as turmas, na fiscalização do serviço e na execução dos pagamentos.

Jamais deixou de seguir-lhe os passos nessas diligencias um pequeno cão, creado por elle, desde muito pequeno e cuja dedicação pelo dono se tornára notavel entre toda a gente do serviço.

Uma noite, voltava o empreiteiro da viagem costumada. Não fazia luar e havia já horas bastantes que a luz do dia se fora pôr de traz dos montes.

Defrontavam e te sitio, homem e cão, quando lhes surgem em frente, em assalto, homens que ali estavam, á espera, escondidos sob as arvores bastas do local.

Eram bandidos, que concertaram, atacando o empreiteiro, eliminal-o, despojando-o do que de valor julgavam fosse por elle conduzido, como soia, de resto.

E lançaram-se, aos tiros e ás pancadas, sobre a descuidada victima.

O pobre homem, sob o inopinado do ataque, não perdeu a calma. Sacando o reвольver, vendeu cara a vida, dando combate aos aggressores.

O seu fiel amiguinho, o cão, secundava-lhe a desesperada defesa, atirando-se, ás dentadas, sobre os assassinos.

Esmagado pelo numero, o infeliz tombou, moribundo.

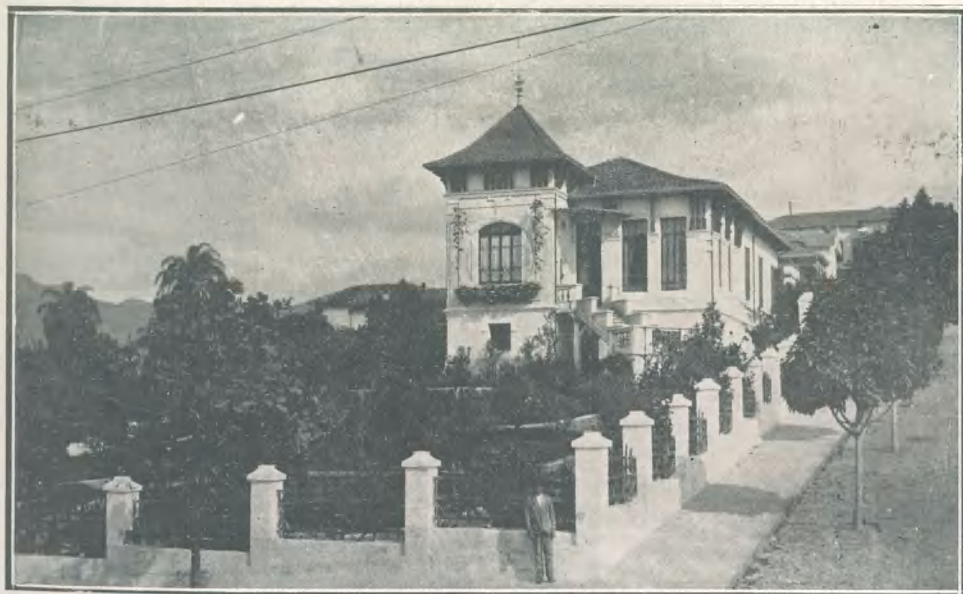
E aqui ficou elle saqueado e com a vida a se lhe esvair pelas numerosas feridas.

O cãosito prestou-lhe guarda toda a noite, provocando o silencio do ermo com a tristeza de um ladrar tristonho, sem intermitencia.

Homens de lavoura, passando, madrugada, para a labuta nas roças, vieram encontrar aqui, cahido de encontro á barranca o pobre do engenheiro, ainda guardando uns restos de vida, tendo ao lado o cão fiel.

Levaram-n'o para o mais proximo povoado.

O cão seguiu o triste bando, silenciosamente, desoladamente. Postou-se ao lado do leito, onde seu dono arquiava sob o soffrer da ultima agonia, indifferente a tudo que não fosse o rosto desfigurado do moribundo e reflectindo no olhar annuveado e impavido toda a grande tristeza que lhe ia pela alma de bruto.



A Villa Washington, encantadora vivenda do dr. Gustavo Penna.

Mila de Minas

Morto o empreiteiro, levado o corpo à inhumação no pequeno Campo Santo da localidade, tiveram todos os actos a assistência do animalzinho, que, no cemitério, — onde acompanhara o funeral do engenheiro, quiz também se enterrar na cova a que baixou o corpo do amigo bem querido, a muito custo, obedecendo ao enxotar brutal dos coveiros.

Expulso do recinto sagrado, deixou-se ficar, em ronda, ao redor da necropole aldeã. E por que conseguisse lá penetrar, foi se deitar sobre a cova recém-fechada do saudoso bemfeitor, ali deixando-se ficar, indiferente às vergastas da fome e das intemperies.

Realizou-se, então, o que, muita vez, narrado nos romances, apparece como ficção de novellistas.

Alguem, dias depois, penetrando o campo santo para um serviço tumular, foi encontrar morto o cãozinho no seu posto de dedicado.

Aqui, onde tombou para sempre o infeliz europeu, a saudade dos muitos amigos, que a sua bondade e o seu genio prestimoso conquistaram nesta região, fez levantar aquelle monumento que, ha tantos annos, assignala aos que transitam pelo caminho o local do sacrificio do excellente homem.

Alguma alma poetica, intervindo na confecção da homenagem, lembrou perpetuar também a lembrança do fiel animalzinho, fornecedor de tão eloquente prova de amizade.

E ahí tem o Senhor — terminou o mestre-escola — a razão do extranho ornato, de que se enfeita a caridosa homenagem.

BENTO ERNESTO

S. Antonio — 1915.

PELAS ESCOLAS



Um grupo de encantadoras creanças, alumnas da Escola Infantil Delfim Moreira, cuidando do jardim. Instantaneo do nosso photographo sr. Gines Gea Ribera.



O ORGÃO

Em mim, calada igreja, um órgão canta !
Sons de ais perdidos, beijos mortos, gritos
De apelo sôam pela nave santa,
Entre rôgos de amor e estos aflitos !

Escuto um *De profundis* que me espanta...
O órgão soluça e, entre arias e bemditos,
Um remoto alarido se levanta
Feito de ecos discordes e infinitos.

E' o clamor do que eu fui, vozes antigas
Perpetuadas em minha alma sonora,
Mixto de uivos selvagens e cantigas...

São velhas convulsões da Natureza
Que em mim resurjem, sem fulgor, agora,
Em canções de alegria e de tristeza.

Maio, 1915.

José Oiticica



PELO INTERIOR — Um dos *teams* do Mar de Hespanha Foot-Ball Club

Os doidos... Ora, os doidos ás vezes são uns grandes pandegos. Lá na minha terra havia um que era interessantíssimo. Chamava-se Chico e, naquellas circumvisinhanças, não havia quem não o conhecesse.

E' que Chico Doido possuía uma mania original : dar pancadas a todos os hospedes da cidade.

Aquillo até já era sabido por todo o mundo e ninguém extranhava mais a mania do doido. Chegava um viajante e os do logar corriam logo a avisar : olhe, não passe o senhor por tal rua; lá vive o Chico, cuja mania é metter o páu em toda gente que chega de fóra.

Os cometas, então, já conheciam o fraco do Chico e evitavam-n'o com o mais vivo interesse.

Um dia, porém, chegou á terra um hospede decidido, desses cabras bons que não mandam dizer nada a ninguém. Solicito cidadão local, obsequioso, foi avisar-lhe de que não sahisse á noite e muito menos passeiasse por tal rua, assim, assim, onde o Chico costumava operar.

Mas o camarada era dos bons e respondeu : não ha nada; eu me arranjo com o Chico.

E, quando a cidade adormeceu no seu sono pesado de tédio, sahiu do hotelzinho, justamente com destino á tal rua perigosa.

Chico doido já lá estava, devidamente apparelhado para o que dêsse e viesse. E, acto-contínuo, avançou contra o viajante, estabelecendo-se assim uma lucta dos diabos...

O hospede era corpolento, corajoso, forçoso como trinta. Pegou o Chico e passou-lhe uma sóva valente, daquellas de João córta páu...

No dia seguinte, muito cedinho, Chico Doido andava pelas ruas, de trouxa arrumada, [despedindo-se dos patricios.

—Então, Chico, que é isso ? Vae-se embora ?

—Vou, e hoje mesmo. Chegon hontem ahí um homem que é uma fêra.

--E que tem v. com esse homem ?

--Tenho, sim : a cidade é muito pequena, não cabem nella dois doidos.

E nunca mais ninguém teve noticia do Chico Doido...

NOTAS DA GUERRA



O sr. Leon Gouthérin, director-gerente do Banco Hypothecario e Agricola de Minas Geraes, no seu uniforme de inferior do exercito francez.

Valla commun

13º mez de minha morte

Amigo,

E' do além-mundo que te falo,
na plenitude austera da verdade,
Vivo uma vida de Sardanapalo
Sem cogitar se existe a humanidade.

Fazem por lá idéa do que seja
Esta vida ideal que aqui se passa ?
Aqui não ha rancores nem Inveja
E não ha desgraçados nem Desgraça...

Aqui não ha poder nem dependencia ;
E' completa a igualdade entre os defuntos.
Vivemos na mais casta inconsciencia
Nestas terras sagradas dos pés-juntos...

O regimen vigente é a sinecura
Mas sinecura lobrega e bem triste,
As larvas se encarregam da escriptura...
Esriptoras assim por lá já viste ?

A forma de governo é extraordinaria,
Pois simples sendo a todos ella agrada :
Aqui não temos situação precaria
Congressos... sitio .. enfim, não temos nada..

Quando eu cheguei trazendo ainda commigo
Um pouquinho de orgulho. . que patifes !
Atiraram-me um femur de mendigo
De permeio com restos dos esquifes...

E não se contentaram com este insulto
Meus collegas patuscos e irrequietos :
E deram-me um cadaver insepulto ..
«N'uma cabine só... dois esqueletos!»

Isto, quando no inverno, ainda se atura ;
Mas sendo como agora no verão !
Elles não sabem que na sepultura
Desenvolve calor a podridão ?

Longo seria ennumerar defeitos
E apontar erros administrativos,
Pois relativamente são perfeitos
E mais republicanos do que os vivos.

Urge por hoje terminar ; eu vejo
Que se approxima um prestito funereo :
Foi alguem que morreu no logarejo
E ás portas vem bater do Cemiterio.

Mas... porque tanta dor que mette medo ?
Mas porque tanto lucto, ó deus das campas ?
Afinal isto aqui não é degredo.
...zut ! e cahiram com fragor as tampas.

«Requiescat in pace» disse o cura,
E lhe prestaram a ultima homenagen ;
— O inquilino da nova sepultura
Vae me contar as impressões da viagem .

M.

Os novos livros

("Ruy Barbosa, sua vida e sua obra",
por Nazareth Menezes).

POR nimia gentileza desta illustrada re-
dacção fui destacado para dizer de alguns
livros, á mesma, recentemente offertados.

O primeiro delles, e que ficou mais á mão,
conquistando a primazia, por causa do título,
é esse que, acompanhado de delicada dedi-
catoria, nos enviou seu proprio autor, o illustre
jornalista carioca, sr. Nazareth Menezes.

O nome de Ruy Barbosa, nesses ultimos dez
annos, com espontanea justiça, glorificada pelo
paiz inteiro, attrahiu logo nossa attenção, agu-
çando a curiosidade da leitura. Foi o que
fizemos, meio lendo e meio devorando, pagina
por pagina, as 343 do texto, cujo estilo flu-
ente, de jornalista adextrado e militante, muito
concorreu para que as perlustrassemos, ligeiro,
com prazer e sem canceira.

Não é um estudo completo sobre o grande
brazileiro. Está mesmo muito longe disso,
como, aliás, por cautella, se previne em as
primeiras linhas do *preambulo*.

A primeira impressão que se tem do livro

é de ser este ardente, sentido e sincero, denun-
ciando um admirador extrenuo do celebrado
escriptor das «Cartas de Inglaterra». A se-
gunda é que fôra traçado ao correr da penna,
isto é, sem que o escriptor se houvesse dado
a detidas meditações no estudar, apreciar e
analysar a extensa obra complexa e gloriosa
desse enorme vulto de nossa mentalidade.

Tenho notado que o escrever ao correr da
penna é peculiaríssimo aos jornalistas, pelo
inveterado habito de um labor diurnal que
lhes é imposto pelo exercicio da profissão.
Por causa desse habil feitio, de se expressar
com elegancia e ás pressas, mesmo aos espí-
ritos muito exigentes o bom jornalista agrada
sem aprofundar.

Se o sr. Nazareth nos não promettesse, ex-
pressa e decididamente, «uma critica mais
ampla, mais documentada, mais longa e va-
riada a proposito da acção do eminente patricio
no scenario da nossa historia e da nossa vida
de paiz novo», ficaríamos com o direito de
affirmar que seu livro é demasiado deficiente,
por superficial, a respeito de uma intelligencia
que tão alto se tem guindado, no trato de
assumptos, dentre os mais excelsos e transcen-
dentaes, assim como dentre os que mais pal-
pitam de interesse nacional ou humano.

Ha homens assim. O tamanho descomedido



O AMOR



O amor !... Dante e Beatriz, — dynamica potencia
Que rege terra e céu com singular magia :
Do espirito de Pan tens a divina essencia,
E's tudo e nada, luz e sombra, noite e dia.

Esphinge do real, verdade e fantasia !
Mysterio ! O bem e o mal, brandura e violencia ;
Christo e Judas, perdão e odio, honra e villania,
Desesperança e fé, perversão e innocencia.

E's lucta e inercia, — vida e morte, ira e bondade !
— Poema que Adão cantou lançando a paz e a guerra
No peito universal da eterna humanidade.

E's Visnú, Civo e Brahma — o triumviro fecundo.
A alma celestial que vibra sobre a terra,
O invencivel poder que agita a alma do mundo !

Arthur Ragazzi

NO SUL DO ESTADO



Paysagem apanhada nas proximidades da "Villa D. Amelia nos arredores da cidade de Itajubá

de sua estatura intellectual, nos não permite estudá-los em paginas rapidas, que desapareçam na voragem da publicidade moderna, como lev's folhas ao vento. Elles teem lidimo direito a um estudo carinhoso, serio, acurado, perscrutador e desapaixonado.

Sobretudo desapaixonado.

Dir-se-ia que sómente os pósteros, porque isentos de paixões, é que são capazes de bem caracterisar homens, cousas e factos de uma época, e que os coevos, adúr, acumulam e fornecem méros subsidios para a verdadeira historia de um tempo dado. Subsidios que, em regra, contém em si a eiva de opiniões encontradas ou divergentes, porém que, por isso mesmo, fórmam a base solida para seguro, definitivo e imparcial juizo dos vindouros.

Está o livro dividido em duas partes, uma que trata do homem, outra da obra.

Aquella, sobre o homem, é mais ou menos completa, podendo e devendo ser, provavelmente, ampliada com pormenores que nos dêem conta de incidentes de interesse e de curiosidade, como é natural que os haja em uma vida tão longamente trabalhada por in-

cessantes justas, e tão intensamente laboriosa e fecunda.

A segunda parte, que trata da construcção intellectual de Ruy Barbosa, se subdivide em sete capitulos, segundo a ordem, sobre o jurista, o orador, o jornalista, o politico, o diplomata, o escriptor, e, finalmente, Ruy Barbosa e o seu tempo.

Esta é menos completa, porque vastissima e protêica. E se alguem a quizesse desdobrar em toda sua extensão, no comprimento, na largura e na altura, penoso e longuissimo seria o esforço que, aliás, reclama hombros de Goliath e musculos de Sansão.

Se opportuno fóra entabolar, aqui, debate sobre diversas asserções do livro, teriamos que divergir d'elle em mais de um ponto curioso, mórmente quanto a affirmativas que se conteem nos capitulos intitutados *o escriptor* e *Ruy Barbosa e o seu tempo*.

Não o faremos. Porém, ainda assim, deixaremos consignados alguns pequenos reparos, por os julgarmos de maior monta.

Verbi-gratia, ninguem acredita, nem o mais fanatico admirador do glorioso tribuno, que

Mida de Minas

elle seja o unico homem de seu tempo que, á força de talento e irradiações geniaes de seu cerebro portentoso, conseguiu fazer-se a esperança da patria, a gloria de nossa raça e o orgulho de nossa nacionalidade.

Não, não é o unico, absolutamente. Isso é um puro exagêro da chamada força de expressão !

Diz, adiante, que quem mais se aproxima da esphera intellectual onde paira o conselheiro Ruy Barbosa, é Tobias Barreto.

Por que? O proprio autor destróe a affirmativa quando escreve: «Os seus temperamentos eram de um completo antagonismo.» E em seguida: «Tobias sempre foi um revoltado, um destemido, encontrando o maior prazer na lucta forte, encarniçada e sem treguas; ao contrario o conselheiro Ruy Barbosa tem o encanto do socego, não procurando quasi nunca disputas literarias.» Depois, dá duas citações, uma de Tobias, outra de Ruy, para provar que este é tambem polemista.

Não o conseguiu, porque Ruy jamais procurou disputas literarias, e polemista é o escriptor

NOTAS SOCIAIS



Senhorita Abigail de Lima Gil, filha do sr. Francisco de Paula Gil unior

NOTAS SOCIAES



Ruy, intelligente filhinho do sr. Pelicano Frade, chefe de secção da Secretaria do Interjo:

que as provoca e as sustenta, sem quartel, com o calor e a bravura dos meridionaes de sangue vermelho. Polemistas tivemos, em nossa literatura, tres representantes maximos, no proprio Tobias, em Sylvio Romero e em Julio Ribeiro.

Quem se defende, como Ruy, pode ser sereno e até piedoso; porém quem faz polemica, como Tobias, tem o dever de ser, como o foram elle e os dois contemporaneos, tumultuario, inexoravel, combativo, desabusado, aggressivo, implacavel.

Em esthetica literaria a classificação de Ruy como polemista é uma heresia.

«A afinidade, porém, que vemos, diz o sr. Nazareth, no talento dos dois grandes escriptores de nossa raça é no genio». Positivamente é muito pouco para collocar-os na mesma esphera.

Se me fosse dado opinar, diria que os dois gigantes se elevaram á egual altura, porém em espheras differentes senão opostas.

Distingamos os dois vultos mentaes, em termos rapidos porém incisivos.

EM QUELUZ DE MINAS



Praça Barão de Queluz

Um palaciano, outro plebêu; um parlamentar, outro quasi a negação dessa faculdade; um religioso e crente, outro philosopho eivado de perscrutador scepticismo; um deista biblico, outro adepto do monismo evolucionista a Hæckel e a Darwin; um orador de encantar, outro de convencer...

Basta. As opposições e divergencias são tantas que mui longe iríamos em enumeral-as. Dos intellectuaes brasileiros, com franqueza, não vejo quem seja, por affinidades do entendimento, comparavel a Ruy Barbosa, se bem que esteja bastante convencido que á mesma altura cultural alguns outros se levantaram, embora sem identico brilho intenso, que só elle possue.

A Tobias o escriptor nosso que mais se assemelha é Sylvio Romero, apesar das muitas manifestações que os separam e distinguem.

Esses reparos, creio, não diminuem o valor do livro, como sincera e interessante contribuição para um estudo mais amplo do grande brasileiro.

Ao fecharmol-os, é com prazer que o recommendamos ao leitor patricio, salientando, pelas sugestões patrióticas, que nos inspira e

orgulha, o capitulo sob a epigraphe *o diplomata*. Ahi se reedita o jubilo extraordinario que todos os brasileiros experimentamos em recordar a sublimada representação de nossa Patria, em Haya, consubstanciada na personalidade homérica de Ruy Barbosa.

Ao illustre jornalista co-estaduano muito agradecemos a fineza do offercimento. A parte material é devida á casa David, do Rio de Janeiro, e muito se abona pela nitidez e boa impressão.

Atêd

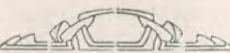
ANECDOTAS MEDICAS

Honorarios medicos

Um cliente, depois da consulta, entrega ao medico honorarios que este julga realmente demasiado modestos.

— E' para meu criado? — pergunta elle com altivez.

— Não, — responde o cliente, — é para vós dous.



NOTAS SOCIAES

A gentilissima senhorita

Angelina Bettamio.



Puerilidades de artistas

Conta Fialho d'Almeida, num dos volumes d'Os Gatos, as singularidades do Sergio, primeiro violoncello do S. Carlos, um «desses já raros artistas, irregulares por herança morbida, que passam a vida a cortar as amarras que prendel-os possam a todas e quaesquer conveniências da vida social, e cuja acuidade esthetica se afusa na proporção da ausencia do senso moral, que dir-se-ia contrariar-lhes as *réveries* do seu mundo interior»

Jamais aquelle pobre diabo, que na magnificencia do seu espirito errabundo tinha instantes de verdadeiro extase celestial, conseguira desprender-se da vibração martyrizante dos nervos doentes, nutrindo pela sociedade que o cercava, e em cujo seio se via obrigado a viver mercê da sua posição de primeiro violoncello do aristocratico centro musical lisboeta, uma arraigada aversão de que somente se julgava liberto quando se atirava a um botequim de fadistas que havia em frente á caixa do Principe Real.

Somente ali, no meio de mulheres da vida airada e de cocheiros que se embebedavam com uma cerveja reles e barata, no fundo daquella alfurja que tresandava a aguardente azeda, a «*silhouette hoffmanica*» do Sergio transfigurava-se, os

dedos nervosos e ageis premiam as cordas do instrumento maravilhoso, o arco, agora mais firme e sob a febre da inspiração que inflammava o artista, numa arcada profunda, despertava na alma do instrumento a ronda das sylphides nelle até então adormecidas...

Era de ver, nesse momento, como ao simples vibrar de algumas notas, emquanto a farandola das vibrações harmoniosas pairava na atmosfera pesada do *bas-fond* lisboeta, naquella onda de fluido emocional que ia de alma em alma, a hyperesthesia de um artista de genio levantava do marnel dos vícios humanos tantos corações angustiados que ainda conservavam no amago um tímido residuo de ingenuidade e de candura, agora revelada naquelle *frisson* da mais pura sensibilidade esthetica.

Esses typos singulares, que contrastam fundamentalmente com a chatice circumstante, mesmo pelo seu estado de permanente vibração nervosa, parece que se movem desageitadamente em meio á onda de individuos frivolos e medianos que o cercam, anciosos de conquistar-lhes a intimidade, no prurido de «tirar da convivência de músicos e pintores meros partidos scenicos de dandismo».

E tão grande deve ser o martyrio de supportar a pabrice fosca de um meio sem vibrações

esthetics, onde apenas se cuida da oscillação do preço nos mercados ou dos ultimos escandalos da visinha que se viu obrigada a fazer sahir altas horas pela janella um janota em cuecas, que o resultado para aquellos pobres neivos, tão fragéis para tudo que não seja o seu motivo emocional, é quasi sempre um inevitavel queb antamento nervoso... Dahi o ser tão frequente encontrar a gente espiritos altivolos que evitam a sociedade e se comprazem em cultivar as relações de pessoas rusticas e incultas, de inferior condição, imbuindo-se naquella meio de preconceitos rotineiros e de pequices absurdas...

Dahi tantos profundos engenhos, que assombram os contemporan os em verdadeiros surtos de condor, suprehendidos tanta vez em verdadeiras infantilidades, dominados por credices ingenuas que hoje ninguém mais leva a serio, obcecados por abusões supersticiosas que despertariam o riso a qualquer collegial...

No theatro é que essa humana imperfeição parece cavar maior sulco nos espiritos. Talvez por se identificarem excessivamente com os sentimentos e paixões dos personagens que interpretam, pelas rivalidades artisticas mais exacerbadas nesta profissão que em nenhuma outra, pelas fadigas de viagens continuas e quasi sem descanso, pelo desejo cada vez mais vivo de agradar, de brilhar, de subir, têm os artistas dramaticos os nervos em tão profunda e constante vibração que lhes determinam uma hyperesthesia morbida e dolorosa, que pouco a pouco se transforma quasi num estado normal. Dahi, conforme observa Eduardo Zamacois, a sua inclinação para o extraordinario, para o culto; o seu medo tantas vezes infantil da realidade e aquella facilidade generosa que os inclina a engrandecer e revestir de terrivel apparencia os factos mais vulgares.

Quem procurasse colher nas cochias dos theatros as superstições e credices dos comediantes, poderia organizar, certamente, o mais extranho e curioso volume para o estudo da psychose de tantas intelligencias peregrinas...

«Para os comediantes, diz Ed. Zamacois concluindo um magnifico artigo sobre as superstições dos artistas dramaticos, uma superstição em certos casos pode servir de consolo efficaz, pois explica á luz da sua propria consciencia a causa intima de tal ou qual fracasso. A vaidade do artista nega-se a reconhecer a humilhação de uma derrota. Si triumphar, uma onda de incontido contentamento invade a sua alma pueril e elle exclama: — Ah! eu soube vencer!... Si, pelo contrario, é vencido, si o publico não o recebeu bem, si a temporada acabou mal, ahi estão as superstições para minorar o seu desgosto. Sempre lhe servirá de consolo pensar que foi derrotado porque aquelle dia era sexta-feira, ou por

que sobre a sua mesa de trabalho estava uma tesoura aberta, ou porque no momento de sahir á rua viu passar um coche funebre...

Que pensem assim... Para que negar-lhes o soccorro piedoso de uma superstição? Como os meninos, os pobres artistas sentem-se felizes com tão pouco!...

ASSIS VIANNA

UM HOMEM DE VALOR



Coronel Candido Mariano da
Silva Rondon

O nosso representante no Sul de Minas sr. Amador Bueno Horta obteve do sr. coronel Candido Mariano da Silva Rondon, actualmente em Cambuquira, a photographia acima para esta revista, de que o illustre militar é um excellent amigo.

O coronel Candido Mariano da Silva Rondon é uma das figuras mais sympathicas e illustres do nosso exercito. Como chefe da commissão de linhas telegraphicas estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas, conseguiu unir as duas longinquas cidades de Cuyabá e Santo Antonio, no rio Madeira, por meio de uma linha telegraphica e de uma boa estrada de rodagem, dando o primeiro passo de penetração no nosso bravo sertão, e entregando ao mesmo tempo aquellas paragens magnificas e de futuro immenso ao homem civilizado.

Vida de Minas

Em sua penetração pelo nosso sertão, pôde esse homem de extraordinária tenacidade e de multipla actividade, prestar, como os demais membros de sua comissão relevantes serviços á mineralogia, á zoologia, e á botânica e modificar completamente a nossa carta geographica com o levantamento de rios até agora desconhecidos dos nossos cartographos.

Convivendo no seu trabalho, com innumeras tribus de indigenas, foi-se afeiçoando a esses nossos infelizes patricios e entregou-se completamente, com denodo, carinho e amor á incorporação dos nossos selvagens á sociedade.

Tendo sido incumbido de acompanhar, em sua excursão pelo interior do Brasil, ao illustre ex-presidente dos Estados Unidos, Theodoré Roosevelt, por varias vezes o notavel estadista se referiu ao nosso brioso patricio com palavras de entusiasmo e admiração.

VAE apparecer, por estes dias, um livro de versos de Renato Travassos com o sonoro titulo de *Avenas*. O poeta é auctor de bons sonetos que andam esparsos pelos jornaes da Capital. A critica rigorosa poderá encontrar defeitos

O TANGO



No chá dansante do Club Bello Horizonte.

nos versos deste moço, mas é justo esperar-se muito de quem é capaz de escrever sonetos como este aos 18 annos de idade :

COSSACO

Num gesto brusco, Marzo o corpo inclina
Para domar, na desabrida sanha,
O fogoso corcel de irada crina
Que, a passo largo, chão alheio ganha.

Mas o corcel fogoso, que a narina
Dilata á febre da corrida extranha,
Cruza a floresta, os valles, a campina,
Galga de salto o cimo da montanha.

Distante embora, em erna varzea hirsuta
Inda o alado tropel subtil se escuta:
Em vão, em vão buscou Marzo domal-o

Ah! pudesse tambem meu pensamento,
Audaz, a passo largo, um só momento,
Fugir commigo, qual esse cavallo!

Enviou -nos, de facto, Ninon, a sua collaboração, de que damos hoje apenas uma amostra aos leitores, com a caricatura *O Tango*, não sem deixar aqui a promessa de ir publicando sempre os seus trabalhos, sem duvida reveladores de muito gosto e de uma decidida vocação artistica.

Inaugura -se no dia primeiro do mez proximo de setembro, com o nome de Instituto Propedeutico, um curso de preparatorios, cujo corpo docente é composto dos mais provectos e illustrados professores nossos conterraneos.

Chamamos a attenção dos leitores para o novo estabelecimento, que hoje e põe os seus planos em outra pagina desta revista.

A SECCA

Continúa em Bello Horizonte o movimento sympathico em beneficio das victimas da secca do norte.

Depois dos bandos precatorios, os festivos das casas de diversões, as subscrições que produzem consideraveis sommas — piedosas festas de caridade realizadas e a serem realizadas, tudo, enfim, se tem feito e se fará, no intuito de minorar o soffrimento dos nossos irmãos do norte.

E todos concorrem, com abundancia de coração, para essa grande obra humanitaria e patriotica.

VOLVENDO ÀS ERAS CLASSICAS

DFANTE d'estas silhuetas graciosas, finas, estremecidas pela movel eurhythmia, e em que parece haver-se reencarnado a alma immortal da divina Hellade, lembramo-nos da definição que deu de sua arte Loie Fuller: «A dança é uma symphonia composta para os olhos; é a musica visual que se desenvolve no silencio...»

Cáe uma ironia amarga d'essas palavras, como lagrimas de dôr, como gottas de veneno, ao pensar que essas artistas dançaram em beneficio dos cégos de Nova-York!...

Entre tantas outras bellezas a elles sonegadas, estão privados tambem da paz fresca, doce e suavissima da dança. Festa de rithmos fugazes, de breves linhas, de harmonias repentinas, de bellos gestos e ademanes de friso, — não a podem admirar os cégos.

Pouco importa que recebam o dinheiro para o seu bem estar material; continuará o espirito soffrendo a sede



Margarida King e Hilda Carling
bailando a "dança das bacchantes" em
uma festa beneficente



da visão, mais que nunca, ao saber que em tão clara e hellenica fonte houveram podido saciar-a...

A dança, no sentido amplo, esthetico, que desperta os instinctos nobres, é uma conquista emocional da nossa época.

E' um volver ás eras classicas, uma nostalgia dos tempos antigos e serenos. E' um perfume de paganismo arejando a nossa alma, demasiado civilisada.

Obra de bondade, de arrefecimento das paixões, de veredas rectilineas, dando para a pureza, e sem duvida, a dança. Exige mulheres eleitas, mulheres que comprehendam o sentido sublime e educador de sua missão, aparentemente tão frivola. E, mais ainda, do que essa educação da sensibilidade, antes de saber como e porque se deve dançar, é necessario ter sentido que os seus pés possuem umas azas pequeninas e brancas, que os seus braços, sem o impulso

do cerebro, sabem traçar impalpaveis e invisiveis motivos decorativos no ar, como si a alma lhe houvesse mudado o doloroso véo da vida por outro impregnado de paraíso e de sonho...

Os bailados selvagens, sensuaes da Imperio contrastam sobremaneira com as danças delicadas e exquistas da Felyne Verbst. A primeira suggeria em nossas veias o acceleramento do sangue, uma luxuria cega e angustias asperas de crime; nos suaves e ligeiros rithmos da segunda, encontravamos o repouso dos nervos, a paz dos sentidos e a castidade da carne.

Não ha demerito nos bailes tragicos e voluptuosos, mas a supremacia emocional— no sentido puro e sereno que devemos dar á palavra emoção— é das danças herdadas do mundo antigo.

Por isto, apparece agora um renascimento da arte da dança, hoje comprehendida como consequencia da cultura physica, como prolongamento dos gymnasios e dos sports ao ar livre.

Antes de volver á barbarie da actual guerra, nascida, das terriveis forças modernas que são o militarismo e o capital, a Humanidade se esforçava por ser bella e por ser boa... Havia academias de danças na Allemanha, na Inglaterra, na França, na Russia e na Italia. Falava-se da Academia Real de São Peterburgo, de onde sahiram Paulowa e Karsavina; da Escola de Mrs. Margare Morris, da de Isadora Duncan, do Palacio da Princeza de Polignac, onde as alumnas de Loie Fuller resuscitaram os antigos rithmos lyricos e harmonicos, falava-se, enfim, do systema de Jacques Dalcroze.

Segundo a affirmação do dr. Dausset, a aspiração geral era a do aperfeiçoamento physico: «A verdadeira gymnastica deve poder terminar em dança.»

Tudo isto parece-nos completamente estranho, completamente exotico, aos que vivemos em paizes cuja cultura está ainda em formação, onde esses requintes de bom gosto e de luxo das nações super-civilizadas ainda não podem ser encontrados.

Aliás, a propria Hespanha, que possui academias de dança hespanhola, nada mais tem do que os bailados do *garrotin* ou da *jiga ingleza*, ou umas danças que passam por arabes e que são pobremente obscenas, entre véos desbotados, ruidos de pandeiros de latão, envolvidas na luz azulada de um projector...

Margarida King e Hilda Carling, «mimando» a «Dança das Bacchantes», engenhosa reconstrução sonora e plastica das divinas figuras

que, em maravilhosas syntheses de linha e de rithmo, illuminaram com fulgores de belleza o theatro de Dyonisios, debaixo da augusta sombra do *Parthenon*, certamente não seriam do agrado do publico hespanhol e muito menos do publico brasileiro...

O ruidoso e persistente fracasso de illustres artistas da dança em paizes como o nosso— aonde iam levar um ambiente de educação esthetica e historica,— afastando para sempre de nós Isadora Duncan, Parlowa e Karsavina de uma parte; e de outra, o exito continuado de quantos attestados de degenerescencia e vergonha de lupanar surgem entre nós, são symptomas bem dolorosos de molestia talvez incuravel porque muito grave...

(La Esfera)



Oscar, sobrinho do dr. Silva Pinto, estimado medico carioca, actualmente em Bello Horizonte.

Lida e corrida

A palestra de D. Julinha me encantou. Já mais eu vi em dias de minha vida mundana uma catueta do sexo fragil que fosse tão erudita.

No ultimo baile, então, em que nos encontramos, no espaço curto de meia hora, ella se mostrou de uma cultura pouco commum entre as filhas de Eva. Ha dias, numa volta de Ceará eu fiquei convencido de que tinha diante de mim uma encyclopedia viva.

O meu amigo José Lemos conhece-a de ha muito; e, percebendo minha grande admiração por aquella encantadora *causeuse*, me elucidou sobre o raro caso, pondo na indiscreção um tom muito seu que é de maledicencia ferina de sua lingua, de que corre ás leguas toda moça que a conhece.

José me disse :

Julia já anda beirando os seus 27, apesar de ter festejado ha dias as 20 primaveras do jardim de sua existencia, como se diz nos jornaes.

Não é culta, como pensas; ao contrario, só tem as luzes da escola primaria e um fugidio primeiro anno da escola normal. Mas é intelligente, tem uma memoria angelica e a curiosidade nunca desmentida de todas as mulheres. E, assim, aquella erudição que tanto te admira, vem do facto de ter sido Julia namorada de um representante de todas as sciencias de que se possa compor uma Universidade perfeita.

— ?

— Sim. Ella, nos seus ominosos tempos de sua primeira mocidade, foi namorada de um joven medico, moço muito entusiasmado com a sciencia de Hypocrates. Esse flit, porém, desmanchou-se, indo um bacharel bem falante substituir no coraçãozinho da menina a vaga do esculapio. O advogado, por motivos que não vêm a pello, acabou tambem com o namoro. Succedeu-o no governo daquella alminha affectiva um guapo engenheiro que, algum tempo depois, deixou engenhosamente o logar a um pharmaceutico. Este, depois de doirar a pillula, passou-a a um dentista, que, conforme insinua uma das tias de Julia, levou a taloa, depois de ter estudado pelo methodo experimental, toda a anatomia da bocca.

E transcorreram mezes sem um *azeite*, até que surgiu um rapagão bonito, de bellos bigodes pretos e lindos anneis no dedo minimo. Era um cometa.

Agora — conclue o linguarudo do José — dizem que o cometa deu o fóra e já mudou de zona.

E eis como eu fiquei sabendo da grande cultura de d. Julinha: ella se illustrava nas cousas que lhe ensinavam seus multiplos namorados,



(De maneira aristocratica...)

— Quem não conhece a figura
Extremamente sympathica
Da nossa caricatura ?

Bem me lembro da technologia das palavras e da profsciencia do assumpto, quando palestra-vamos. A proposito de não sei que molestia, a creatura falava como um pedante quint'annista da Escola de Medicina. Referindo-se a um tumor maligno, dizia logo tratar-se de um *sarcoma*; Fulano soffria uma peristite aguda; Sicriano fóra atacado de *intero-colite-mico-membranosa*; não sei quem morreu porque, tendo-se feito a *laparotomia*, não se conseguiu fazer a *appen-*

BELLO HORIZONTE EM FLAGRANTE



Instantaneos
colhidos
pela nossa reportagem
photographica

decectomia. E sabia remedios, dosagem, formulas, o diabo...

Discutindo-se sobre o tratado do A. B. C., lá vinha a moça com theorias sobre direito internacional e, entrando na discussão, citava logo mil termos juridicos sobre isso e aquillo:—*Stricti-juris*, essa é uma questão liquida, porque o *fidei commissio*, apesar de haver *questão de rato*... E lá ia por ali a fóra, tal qual um amestrado cultor do Dire'to.

De uma feita, referindo-me a um ramal ferreo para a minha terra, ella me disse já conhecer o *traçado*, precisando, com effeito, a *porcentagem das rampas*, *raios das curvas maximas e minimas*, *variantes*.... que sei eu ?!

Não sei a que proposito,—referiu-se a uma drogaria. E a letrada creatura disse logo tratar-se de um optimo estabelecimento onde havia grande dose de *medicamentos magistraes*, accentuando que *magistraes* não vinha de *mestre* e sim queria dizer medicamentos de muita durabilidade. E desandou a proferir palavras ar-revesadas, como *anti-phlogisticos*, *depilatorios* e outras cousas assim exquisitas que eu nunca ouvira até então. E obsequiosa, informava que alli se encontravam boas applicações contra caries até do 2.º e 3.º grão, e mais que Fulano, tendo soffrido uma *periostite aguda*, comprara lá um remedio de grande efficacia.

Desejando certa vez um meu amigo conhecer

Quadro ancião

AO MARIO DE AZEVEDO

Bem sei, ó velho Oceano... A dor do teu ideal
é a mesma que devora o pensamento humano ;
Tens orgulho em que tu és um monstro diluviano,
Resignação em ser um atomo ao final.

Orgulho, — tu és Antêo, ó luctador insano :
— Revigoras, tocando o coração terreal ;
Resignação, — és lucto, espelho sideral,
Elephantino dorso... És sempre um mar, ó Oceano !

Irreflectido ! E vens, cada onda uma colmeia,
Em ondas aos tropeis, tua dor desmanchar
Nessa eterna mudez dos corações de areia ?

Maior resignação a teu orgulho, ó Mar,
— Ha de ser tua voz um canto de sereia
Que esse somno de pedra inda irá prolongar !

NESTOR FOSCOLO

Copacabana, julho.

o melhor itinerario de uma viagem á Bahia, pelo norte de Minas, ella não poudé sopitar os seus vastos conhecimentos de chorographia e informou logo solicita:

O senhor embarca aqui, ás 8,40 da manhã—na Central e vae á Pirapora. Alli encontra diversos vapores, entre os quaes o melhor é o *Rio Branco*. Desce pelo S. Francisco, passando pelos portos de Guaycuhy, (onde desemboca o Rio das Velhas), Extrema, São Romão, S. Francisco, Januaria, Jacaré, Santo A. da Manga, Caribhanha (já cidade bahiana), até Joazeiro, onde toma o trem da Rede Viação Ferrea da Bahia. Dahi vae á Lagoinhas (bitola de 1.^m) e desta cidade (bitola de 1.^m 60) a S. Salvador.

Hoje, quando me lembro de todos os conhecimentos dessa admirável creatura que nunca viajou,—passa-me pela imaginação a figura gordalhufa do cometa, alegre e bem disposto.

Fazia já algum tempo que eu não punha os olhos admirados na pessoa sabida de d. Julinha. Hontem, quando voltava da matriz onde tinha ido ouvir a predica do Bispo do Ceará, encontrei-me com aquella illustrada senhorita. Vinha falando, contando um caso com muito interesse. Approximei-me e ella, depois de cumprimentar-me com a melhor dos sorrisos, continuou a tal historia.

Era um desastre de automovel.

«Aquelle carro *Benz* não é de boa qualidade; com o *Stower* não aconteceria isto, pois desta marca, como a *Mercedes*, o dynamo é de muito maior produção. Pneumaticos mais resistentes, um carburador que é uma lindeza; de melhor camara d'ar e não trazem mais para-brisas que costumam ser tão perigosas. E concluia que o desastre se deu logo ao sahir do carro, mal se tinha «dado a manica.»

Eu estava pasmado. Despedi-me da minha erudita amiga e fui para os penates.

Lá encontrei o José Lemos. Com uma cara de tristeza, informou-me elle de que a mãe de Julia,—muito sua amiga—vivía acabrunhadissima, pois aquella maluca estava *forte* num namoro com um chauffeur, com quem, affirmava, casaria «nem que fosse em consequencia do *uso capião*».

—*—*—
Tenho um desejo que até
Parece mais um gracejo:
E' temperar meu café
Com a doçura de teu beijo

A SORTE

Tendo sido approvados pelo governo os planos da Loteria do Estado de Minas, realiza-se no dia 11 do proximo mez, ás 3 horas da tarde, a primeira extracção, de accordo com o annuncio publicado noutra pagina desta revista.

EM CURVELLO



Corpo docente da Escola Normal. Vêem-se (sentad. s): senhoritas Stael Alves, Marieta Brochado, dr. Alexandrino Diniz,—vice-director, Conego Xavier Rolim—director, pharmaceutico Arthur Vianna e senhoritas Noeme Vianna, Maria Hermenegilda de Souza e Augusta Mascarenhas; (em pé) dr. José Lourenço Vianna Filho, dr. Nicolino Moreira, pharmaceutico Antonio Gabriel Diniz, dr. Euclides Gonçalves de Mendonça, professor Simpliciano Pinto, dr. Juvenal Gonzaga, dr. Joaquim de Paula Andrade e professores Felciano Moreira da Costa e Ricardo de Souza Cruz.

Rios historicos

E' conhecida a influencia decisiva de certos rios no desdobramento das civilizações dos povos que se estabeleceram ás suas margens.

Desde o Nilo,— «o deus occulto, caminho do céu que desce amigo dos pães, dador dos grãos, senhor dos peixes, creador do trigo e productor da cevada», conforme o velho hymno egypcio,—até ao flavel Tibre, a cujas ribas silenciosas e mansas se estabeleceu a cidade de Romulo; desde o sombrio Ganges, tão povoado de mystérios, até o nosso S. Francisco, a *estrada luminosa do sertão*,— quantos desses caminhos que *andam* não fixavam o destino historico de grandes nacionalidades!...

Nenhum desses rios, porém, possui o encan-

to incomparavel do Rheno, pelo vestigio ininterrupto que, ao longo de todo elle, deixou a historia do homem.

Não ha uma enseada,— conta-nos Ramalho Ortigão, que o percorreu,— não ha um valle, não ha uma collina, não ha um só accidente physico, a que não esteja vinculada a recordação de um facto ou de uma idea, uma chronica, uma legenda, uma epopeia ou um idyllio.

Este curso d'agua é a grande arteria da civilização; é o veio das grandes confluencias do pensamento europeu; é o rio sagrado; o valle das lagrimas correntes derramadas pela humanidade nos supremos lances de triumpho, de esperança, de amargura e de desalento que decidiram dos destinos politicos e dos destinos moraes do mundo moderno.

O historico desse rio, feito pelo meticoloso

auctor d'A Hollanda, é tão formoso, tão poético e tão instructivo, que vamos destacar-lhe os pontos principais, nas linhas que se seguem.

Começando na Suíça e terminando na Hollanda, — diz o crítico portuguez, — o Rheno tem por limites extremos os dois mais pequenos, mais livres, mais sympathicos paizes do mundo; aquelles em que mais completo e mais triumphante é o dominio do homem sobre a dura fatalidade, sobre a aspereza hosil da montanha esteril, sobre a inclemencia implacavel do oceano terrivel.

Entre esses dous pontos extremos, onde mais arraigado á terra se acha o homem pelo trabalho, pelo sacrificio, pela fé, pela perseverança, pelo amor, quantas oscillações, quantas luctas, quantos esforços de equilibrio, quantas prostrações de desânimo ao longo dessas aguas!

Pelas cabeças dominantes a todos esses montes, nas gargantas estrategicas de todos esses vales, pendem dismantelladas, como dilacerações de antigas pompas historicas, nusgosas e deneigradas ruinas da idade feudal, reliquias de um confuso passado que o tempo moderno protege,

assim como ellas mesmas protegiam, ha cinco mil annos, as ruinas romanas que as precederam á beira dessa aguas a que o doce Virgilio chamava já *Frigora Rhein*.

Toda uma legião épica de grandes phantasmas se ergue, evocada pela memoria, através desses logares.

Por ahi passaram Cesar e Annibal.

Drusus edificou ali suas cincoentas cidadellas.

Agrippa levantou um forte na embocadura do Min e estabeleceu a primeira colonia.

Trajano fundou Moguncia.

Depois veio Attila.

Passou, em seguida, Carlos Magno e o grande Roldão. Frederico Barba Roxa e Adolpho de Nassau; os quatro eleitores que faziam e desfaziam os reis; os cavalleiros da ordem teutonica e os templarios, os bailios e os burgraves.

Chegarão, por seu turno, Carlos V, o duque d'Alba, Guilherme o Taciturno, Luiz XIV, Enghien, Condé e Napoleão.

Todo o pensamento, assim como toda a actividade moderna, boiou, em suas origens, sobre essas aguas. Percorreram-n'as, contemplaram-n'as, beberam-n'as e banharam-se nellas. Gu-

EM CURVELLO



Grupo de alumnas da Escola Normal.

Alida de Minas

tenberg, João Huss, Spinosa, Lutero, Erasmo, Descartes, Renbrandt, Calvino, Damião de Góes, Byron, Victor Hugo.

Elegiacas sombras de mulheres perpassam saudosas, entremeadas nos heróes, nos pensadores e nos artistas. E' Bertoada, a mãe de Ca los Migno. E' Santa Hildegarda, a quem S. Bernardo deu o seu anel com esta divisa: *Apraz-me soffrer*. E' Santa Nizza. E' Santa Margarida. E' Santa Ida. E' Santa Ursula. E' a loira Iseult, que o esposo surprehende, um dia, adormecida nos musgos, junto do seu amante; mas tão castos os vê, tão confiadinhos, tão bellos, dormindo ao lado um do outro, separados pela larga espada que o namorado paladino ti ára do cinturão e collocára ao pé de si, que o marido se afasta silencioso e pensativo, como se acabasse de olhar, num templo, para um marmore sagrado.

As prodigiosas figuras e os grandes factos que se reflectiram, ao passar, no espelho do Rheno, encheram-n'o de lendas que são como as sombras dos vultos heroicos projectadas na poesia.

Ha um velho uso hospitaleiro e carinhoso das margens do Rheno, o de saudar, acenando um lenço branco, o viajante que passa. E, ao cahir do sol,—acrescenta R. Ortigão,—quando a primeira sombra do crepusculo rola no espelho, do oriente para o occidente, rasoiando a paisagem de um tom de melancolia; quando a suave magua que essa hora inspira, em face do espectáculo da natureza, nos humedece o coração de vaga saudade, ha não sei que de commovente no ponto branco e palpitante de cada um desses lenços que nos trazem á memoria a mão amiga daquelles que amamos e que o anonymo da hospitalidade personifica.

AURELIO PIRES

...E dizem que o pito tira
As maguas do coração !...
E eu pito, pito e... repito
Que as maguas nunca se vão,



Phot. J. M. Rates

Senhorita Alice Horta, professora pela Escola Normal Modelo.

O marido de *Sia* Anninha
E' gastador, homem mau;
Nos vintens que a mulher tinha
Foi logo mettendo o pau.

Felix d'Arruda.

Cumulo da debilidade : morrer ferido por um
raio... de sol,



Dia de chuva

A' Alice da Silveira

Descei, findae, ó chuvas derradeiras
deste sombrio Março friorento !
Deixae sorrir de novo o firmamen.o
limpo, azul das manhãs alviçareiras !

Em breve o outono, calmo, somnolento,
virá dourando as searas e as ribeiras...
Dizei adeus ás comas feiticeiras,
folhas que ides tombar leves ao vento.

Tudo aqui ficará vos recordando :
a arvore amiga, o sol, gorgeios de ave...
Não vos pese saber... Voae cantando !

Provareis como é grato, nesta vida,
sentir no coração o aperto suave
de uma saudade bem-correspondida !

Bello Horizonte, 1915.



Julinda Alvim



Vida de Minas

SÓ....

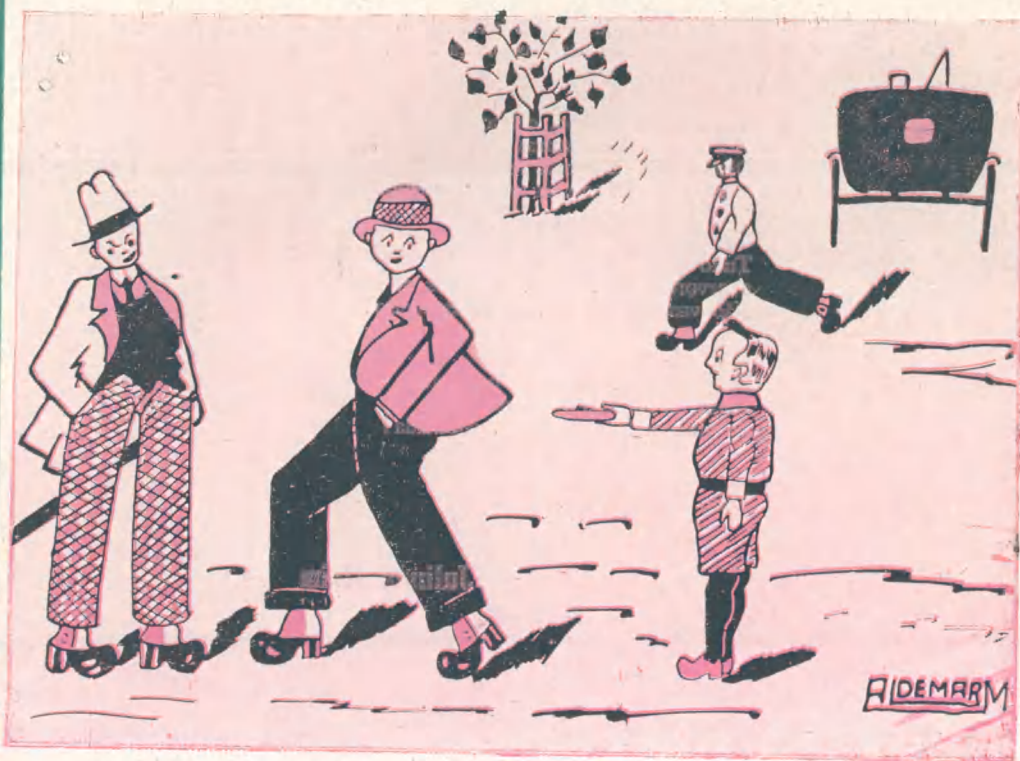
Surpreendo-me às vezes em adoração, em extase devoto, diante de um muro que se esboroa, todo coberto de heras e trepadeiras exóticas. E adoro tanto esses pedaços de passado que já vou descobrindo em mini qualquer coisa que se assemelha muito às paredes em ruínas, às torres dismanteladas e solitárias. Eu sou um trapo de memória.... Sou como esses velhos muros que a mão do tempo, implacável e piedosa coroou com thyrsos virides e corollas delirantes. Eu sou um velhinho de dez-oito annos...

Que querem, meus amigos? Cada um é o que é, o que pode ser. Eu tenho no meu olhar

qualquer coisa de cantiga velha, de incenso mystico de naves, de bruma e de saudade... Canta na minha bocca o som de um organ gemendo no fundo somnolento da uma cathedral... Um nocturno. Nem sei bem. Eu tenho a pallidez dos marmores e o fatalismo de Hamleto. Exquisito... Desconfio que a minha alma anda perdida nos olhos e no gesto de algum baixo relevo muito antigo... Qual dos senhores me dará noticias da minha alma?...
A.

Cumulo da covardia : fugir de um relógio que se adianta.

RESPOSTA COMPROMETTEDORA



O pequeno (mostrando o pratinho cheio de tostões):

— Uma esmola para a Santa Cruz...

A victima:

— Para que quer você uma esmola para a Santa Cruz?

— Para comprar chocolate.

NO SUL DO ESTADO



Itajubá — Aspecto do rio Sapucahy nas proximidades da cidade.

Au coin du feu...

... E le vent, cette nuit, en a fait des belles
O dégâts, ô nî's, ô modestes jardinets!...
Mon cœur et mon sommeil...

JULES LAFORGUE

C'est vraiment l'hiver qu'arrive!...

Le vent a soufflé fort ce soir, rémuant tristement les arbres du jardin... Je ne me trompe pas, hélas!... C'est bien la bise dont j'entends au dehors l'âpre hurlement... Elle tord les arbres et en arrache les pauvres feuilles jaunies et déjà un peu rouillées par l'automne, les éparpille, les fait tournoyer un moment et danser une ronde sur le vert encore velouté des pelouses... Au couchant baigné d'une impalpable bleu-violette, le soleil se meurt comme un beau guerrier antique dont le sang jaillit des mille blessures et s'épanche sur les soies, brodées d'or flamboyant, de sa tente?... Pauvre roi de l'Été, que tu as fié-

rement combattu pour donner de la sève à cette nature qui s'assoupit maintenant dans un sommeil morne et stupide...

Comme toi, ô resplendissant Hélios, tout agonise lentement sous le ciel gris-mauve et bientôt viendra la Nuit percer de ses clous d'argent le voile de tristesse et d'ennui qu'enveloppe le jour mourant...

Pourtant, ma lointaine princesse, j'aime ces longues soirées d'hiver et j'en goûte leur vague douceur... Elles rappellent la mélancolique caresse de ces vers de Samain :

C'est l'heure de pensée où s'allument les lampes...
La ville, où peu à peu toute rumeur s'éteint,
Déserte, se recule en un vague lointain
Et prend cette douceur des anciennes estampes...

Voici que les jardins de la Nuit vont fleurir!...
Les l'gnes, les odeurs, les sons, deviennent vagues...
Vois, le dernier rayon agonise à tes bagues...
Ma sœur, n'entends-tu pas quelque chose mourir?...

Blotti dans un coin du salon, frileux comme un vieux chat, je me laisse aller à d'intéminables

Wida de Minas

rêveries... La paupière à demi close, je contemple d'étranges paysages où defilent frêles et gracieuses figurines des Watteau, des Greuse, des Gainsborough, des Burne Jones... Une harmonie mystique remplit l'espace... C'est tantôt le déroulement majestueux d'une symphonie de Beethoven dont le magique poison me grise et m'hallucine, tantôt quelque bizarrerie hystérique de Chopin ou de Grieg...

Le feu crépite doucement... Parfois une flamme, d'un rouge plus vif, éclaire par instants... le souvenir de tes cheveux d'or, et je te vois, ma douce princesse lointaine, devant le piano, enveloppée d'un brouillard bleuâtre, les traits du visage, où éclot un sourire, adoucis par la pénombre, le corps élané se balançant au rythme de la musique, pendant que tes doigts éfilés courent sur la blancheur un peu jaunie des touches comme s'ils fussent inspirés par quelque étrange *daïmôn* wagnérien... L'harmonie me plonge dans une ivresse surhumaine... J'évoque la profondeur tragique des forêts druidiques où les walkiries, chevauchant de noirs coursiers, disparaissent en une cavalcade sinistre au milieu

des nues... Est-ce la mer dont j'entends au loin la rumeur profonde?... Le *vaisseau fantôme*, comme un brin d'herbe emporté par les vagues, les voiles rouges déployées, craque sous les coups de la foudre... Une éclaircie se fait soudain au milieu de ce monstrueux sabbat des vagues et des vents... L'orage s'éloigne... Une lumière nuptiale se répand partout... Les vents s'apaisent et on n'entend plus que le doux clapotis des eaux... Moi, le marin maudit, ma petit'amie, je baise longuement ta bouche fraîche como uma framboise, y cherchant à jamais l'Oubli des jours sombres et tempétueux... Tu frissonnes délicieusement...

J'éveille en sursaut... Dans le salon, à peine éclairé d'une faible lueur, je me sens tout seul, m'amie, loin de toi...

Bello Horizonte, Juin, 1915.

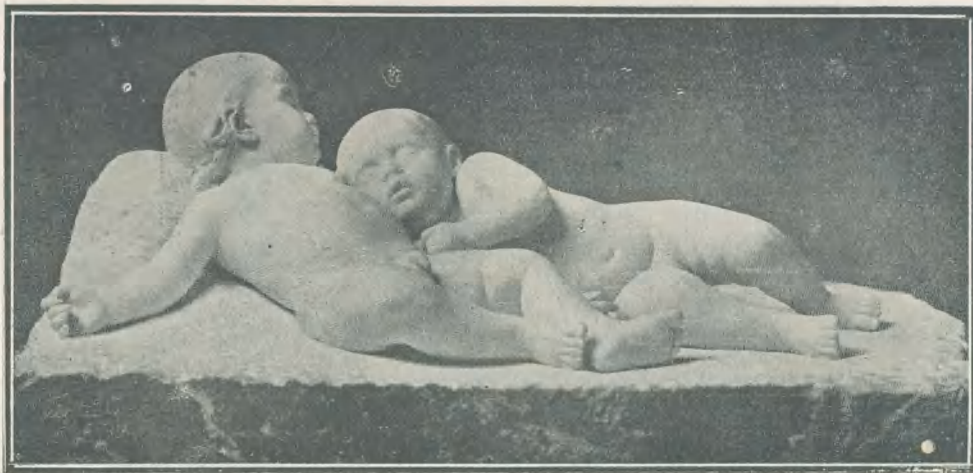
Paul Brévanne

Quando casualmente a adulação não consegue o seu fim, a culpa não é della, é do adulator —
DE LEVIS



Os interessantes filhinhos do nosso coestaduano dr. Albino Alves Filho, actualmente na Bahia. Instantaneo apanhado por um amador.

PELO MUNDO



Crianças adormecidas — escultura de Teixeira Lopes

O esculptor portuguez Teixeira Lopes

NESTA divina terra portugueza, romantica, ideal e evocadora, ha um delicioso sentimento do bello, innato na maior parte das creaturas da lusa raça. Ninguém dirá, por exemplo, que este povo, que ás vezes de armas na mão luta por uma idéa politica, é o mesmo povo que vibra de sentimento artistico deante de uma paisagem exuberante ou de uma canção melancolica de infinita saudade. ... E sem embargo esse contraste existe, perfeitamente definido e intimamente sentido, no povo portuguez. E' artista por intuição e por temperamento; e a influencia intellectual mais decisiva para a formação desse temperamento, é, sem duvida, a paisagem natural do paiz, definitivamente bello, museo colossal, onde toda a contemplação é lição espiritual e todo o ponto de vista é um banho de belleza extraordinaria.

Assim, não é para extranhar que haja aqui artistas portentosos entre os quaes figura como principal orgulho de Portugal o divino escultor Teixeira Lopes.

O genio tem asylo em seu cerebro; tem albergue a bondade em seu coração: disse-me si essa cabeça biblica, melancolica e sonhadora não define bem o homem e o artista.

Teixeira Lopes é moço: nasceu em 1866. Terminados os seus estudos no Porto, aos 18

annos, partiu para Paris, onde, em 1885 (no mesmo anno em que chegou á França), foi admittido e premiado no *Salon* por sua obra «Ofelia».

O *veni, vidi, vici*, de Cesar echoou de certo na alma do triumphador artista, que se viu glorificado sem transições, sem haver experimentado talvez o veneno delicioso de uma desillusão.

Em 1899, o seu maravilhoso «*Gaim*», valeu-lhe no *Salon* a medalha de ouro, e em 1900, a suprema distincção do *Grand Prix*.

Desde então, o seu nome ficou mundialmente consagrado, e entre innumeraveis honras obtidas pelo seu talento, figuram a medalha de ouro de Berlim, em 1896; a medalha de honra da Exposição de S. Luiz; a medalha de ouro de Barcelona, em 1906 etc., etc.

Devo advertir que apenas cito os premios mais importantes, para pôr em relevo a illustre individualidade artistica de Teixeira Lopes, porque, tratando-se de um artista quasi desconhecido na Hespanha, essas provas irrefutaveis do seu talento demonstram, melhor do que as minhas palavras, o seu valor.

Teixeira Lopes é um artista perfeito. Na margem do Douro, em uma alta colina, ergue-se, orgulhoso e monumental, o seu riquissimo palacio, que mais parece principesca mansão

Vida de Minas

de lenda; e que é, em realidade, grandioso museu de incomparáveis thesouros artisticos. Da entrada regia, descortina-se o jardim amplissimo e phantastico, cuja floração exotica tem maravilhosa e variada representação.

Desse jardim parte a escadaria que couduz ás galerias superiores do museu, onde se vêem obras de Roden, Bordallo Pinheiro, painéis de Sousa Pinto e Carneiro Doré, aquarellas do Rei D. Carlos e apontamentos da ex-rainha D. Amelia; joias antigas, pedrarias, trabalhos de ourivesaria, cruzeiros, placas, moveis, tapeçarias riquissimas, couros antigos, retratos dos personagens mais illustres do mundo inteiro... e, no fim desta galeria, o theatro, magnifico templo, onde tantas festas regias se têm realizado, presidiadas, no passado regimen politico, pelos reis de Portugal, e por onde passaram os maiores artistas, commovendo o publico de *élite*, que si não applaudia pelas regras de etiqueta, *sentia* com devotissima admiração.

Do outro lado da galeria, a *camara* do illustre artista, cheia de preciosidades, cujos pormenores são maravilhosos.

Sobre um tablado antigo, de talha, alça-se a cama em que dorme Teixeira Lopes, que é o historico leito que D. João V, rei de Portugal, deu á sua amante, a celebre Madre Paula, do convento de Odivellas.

O movei, que é uma maravilha de refinado gosto e arte aprimorada, está em magnifico estado de conservação e evoca scenas intimas de amores régios...

Essas altas galerias do primeiro andar e essa *camara* são unicas, seguramente, pela sua riqueza e pelo seu valor historico.

Em seu catalogo vastissimo, figuram— o *Baccho*— modelo de expressão viciosa e característica—, que está incluído, com o Santo

Isidoro de Sevilha e com o magnifico monumento a *Eça de Queiroz* na obra «*Histoire Générale de l'Art*», de Marcel Diculafoy. Ali, no seu museu, também se acham os esboços de suas obras, hoje esparsas pelo mundo inteiro: *Capulho de rosa* (estudo de creança), *Ofelia*, a *Viuva*, *Caim*, *Menina napolitana*, *Musica sacra*, *Santa Isabel*, *A Historia* (para o monumento a Oliveira Martins); os retratos de Paul Chauvet, Conde de São Bento, condessa de Valenças etc; as portas da Igreja da Candelaria do Rio de Janeiro, que foram feitas em bronze, e custaram 4.000 libras esterlinas; magnifico *Mauso-*

léo dos Duques de Palmella, com a celebre figura da *Dôr*; o maravilhoso retrato da ex-rainha D. Amelia, um dos melhores trabalhos de Teixeira Lopes, pela fidelidade da expressão augusta e pela linha de magestade.

Porém, repito: o que mais admira neste artista sublime do cinzel são as suas extraordinarias creanças, prodígio

de doçura que encanta e que commove até a adoração, porque através da pedra branca do marmore frio, se vêem coloração do sangue e se percebe a vida; porque deante do grupo genial das *Greanças adormecidas*, sentimos o tenue aroma de suas boccas infantis, onde parece que está ainda o signal de um beijo maternal; e em sua expressão divina, em sua linha, de harmonia e de suavidade, o marmore se anima, sente e canta o divino poema da Vida...

PEDRO BLANCO



Teixeira Lopes



Mulher do povo — escultura de Teixeira Lopes

ALFAIATARIA

—♦— DE —♦—

E. Wilke



**Encontra-se sempre um
variado sortimento de
fazendas finas e padrões
modernos**

Trabalha-se com perfeição
e elegancia,
por preços modicos



AV. AFFONSO PENNA, 791

BELLO HORIZONTE

Casa Confianca

Avenida Affonso Penna, 522 — Teleph. 596

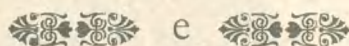
FAZEI compras somente na

*** CASA CONFIANÇA ***

Vendas a prestações com entrega
immediata sem exigencia de FIADOR

Prestações de 10 % sobre o
valor da compra

Especialidade em moveis de toda
especie, casimiras inglezas e francezas



TERNOS SOB MEDIDA

MAXIMA PONTUALIDADE NA ***
*** ENTREGA DAS COMPRAS

Lerman, Klein & C.

BELLO HORIZONTE

A Cama Mineira DE A. VASTO & COMP.

Grande fabrica de camas de ferro,
estrados de arame com armação
de ferro, colchões, estantes para
livros, lavatorios de ferro, ca-
deiras e bancos de ferro para jardim.

**Fabrica de colchões de crina
vegetal, animal e acolchoados
— de todas as especies —**

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

Rua dos Carijós n. 776

TELEPHONE, 269

Bello Horizonte

Hotel Central

PROPRIEDADE DE

MARCILIO VIEIRA

EXCLUSIVAMENTE FAMILIAR

Caprichosamente installado em elegante palacete
de sua propriedade

O mais barateiro

Mesa de primeira ordem

Diaria 6\$000

Avenida Affonso Penna, 550 Bello Horizonte Teleph. 475

Carlos Xavier & C.

Fazendas, armarinho, calçados, chapéos, couros,
e artigos para sapateiros e selleiros

Especialidade em artigos para homens

Grande fabrica de malas de todas as qualidades
e artigos para viagem

Av. Affonso Penna, 554

BELLO HORIZONTE

A Industrial

GRANDE SERRARIA

MARCENARIA E OFFICINA

DE

CARPINTARIA

MOVIDA A ELECTRICIDADE

Garcia de Paiva & Pinto

CONSTRUCTORES

Madeiras e materiaes de construcções

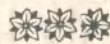
DEPOSITO E ESCRIPTORIO

AVENIDA TOCANTINS N. 809

TELEPHONE N. 156



BELLO HORIZONTE



High - Life

Confeitaria, Restaurant e Bilhares

— DE —

J. R. Freitas & Comp.

Neste optimo estabelecimento commercial, que acaba de passar por uma reforma completa, o unico capaz de attender escrupulosamente ao publico mais exigente, não só pelo conforto e asseio que se notam ali, como pela sua rigorosa ordem no serviço, encontram-se sempre: conservas finas, biscoitos, doces finissimos, seccos e em calda, pasteis, empadinhas, confeitos, balas, bebidas de primeira, fumo, cigarros e charutos.

Acceitam-se encommendas para casamentos, baptisados, bailes, etc.

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1.060 - Telephone, 361

CASA BENJAMIM



IMPORTADORES E EXPORTA-
DORES — MOLHADOS E GE-
NEROS DO PAIZ — VENDAS
POR ATACADO E A VAREJO

DEPOSITO DE ASSUCAR REFI-
NADO E FILTRADO DA SUA
REFINARIA BRAZIL ☉ ☉ ☉

Rua dos Caetes N. 626
Bello Horizonte

DEPOSITARIOS D A S AGUAS
MINERAES CAMBUQUIRA, A
RAINHA DAS AGUAS ☉ ☉

MANTEIGA MINEIRA DA COM-
PANHIA CURVELLANA — CI-
MENTO FRANCEZ E DYNAMITE
CHEDITE ☉ ☉ ☉ ☉

Telephone, 127

Magalhães & Comp.

Successores de J. Benjamim



CASA GIACOMO

A mais importante agencia de
publicações nacionaes e extran-
geiras do Estado de Minas

Giacomo Aluotto & Irmão

**JORNAES,
REVISTAS
E
FIGURINOS**

Agentes exclusivos dos principaes
diarios e revistas do Rio e
São Paulo, para os quaes recebem
assignaturas sem commissão.

VENDA AVULSA

SECÇÕES DE LOTERIA E FUMOS

CASA MATRIZ:

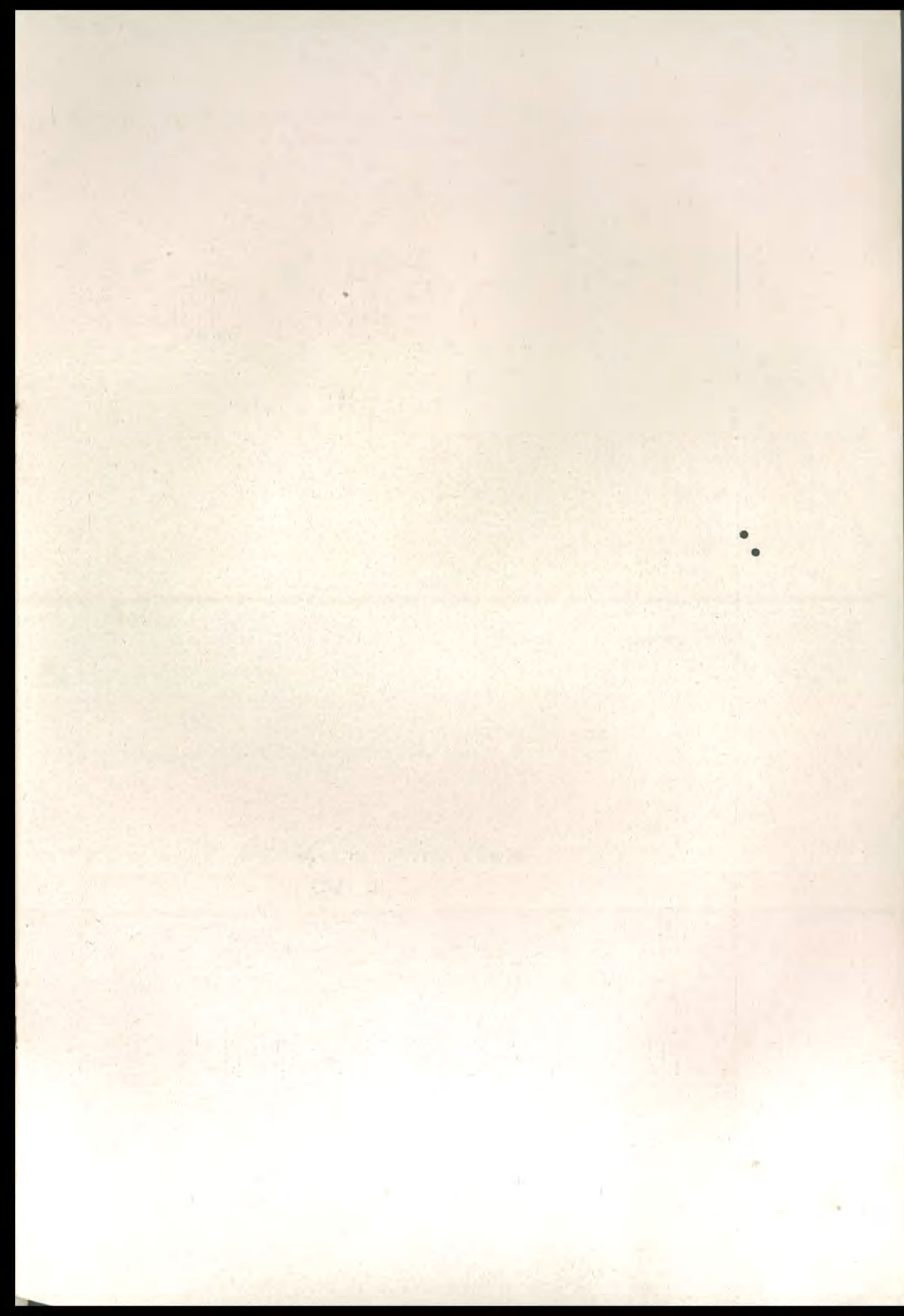
Rua da Bahia, 860

FILIAES:

*Rua da Bahia, 936 — Rua Caetés
n. 662 — Praça da Estação, 230*



BELLO HORIZONTE



Loteria do Estado de Minas

Jogam apenas 5.000 numeros

PRIMEIRA EXTRACÇÃO

11 DE SETEMBRO PROXIMO

PLANO

1 Premio de	20:000\$000
500 terminações a 20 %	10:000\$000
1 premio de	5:000\$000
1 » de	2:000\$000
2 » de um conto	2:000\$000
4 » de 500\$000	2:000\$000
50 » de 200\$000	10:000\$000
45 » de 100\$000	4:500\$000
90 » de 50\$000	4:500\$000
Somma	60:000\$000

O custo do bilhete Intelro é de 20\$000, dividido em vigesimos de 1\$000

Extracções : Rua da Bahia n. 1.155

às 3 horas da tarde

Agencia geral: Avenida Alvares Cabral, 275

SOBRADO